

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

CEDI - P. I. B.
DATA 10/12/86
COD. W.U.D. 05

ÍNDICE

I - Histórico e Situação da Terra	01
II - Organização Social	
a) Composição Familiar	13
b) Demografia	41
III - Organização Econômica	
a) Agricultura	42
b) Atividades Criatórias	45
c) Silvicultura	45
d) Pesca	46
e) Caça	46
f) Indústria Oleira	47
g) Artesanato	47
IV - Organização Política	47
V - Organização Religiosa	48
VI - Situação Educacional	49
VII - Situação de Saúde	51
VIII - Sugestão	52

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

RELATÓRIO DO LEVANTAMENTO SÓCIO-ECONÔMICO DOS WASÚ

I - Histórico e Situação da Terra

Dando continuidade ao cumprimento da Instrução Técnica Executiva nº 02/79-DGPC, parti da Ilha de São Pedro (Xokó) com destino à Cocal. A distância de Pão-de-Açúcar (Alagoas) à Maceió, de ônibus, são de 6 horas. De Maceió à Aldeia do Cocal, no rio Camaragibe, fica a 1.40 hora de ônibus, pela BR 101. A cidade de Joaquim Gomes fica a 8km da Aldeia, sendo que esta pertence ao município do mesmo nome. Para se chegar a cidade, percorre-se 2km de estrada carroçável (15 minutos), após sair da BR 101. A cidade mais próxima da Aldeia do Cocal é Novo Lino, a 11km. Permaneci na área de 17 a 20/06/79.

Há 28 anos que foi alterado nos Cartórios da região o nome da Aldeia do Cocal para Sítio do Cocal, porque os fazendeiros já haviam tomado as terras dos caboclos. No inverno a estrada carroçável que se dirige à Aldeia, fica intratável, além do rio Camaragibe transbordar, sendo necessário utilizarem balsa. A Prefeitura de Joaquim Gomes se comprometeu em construir uma ponte neste local. Há outro núcleo de Wasú em Pedrinhas que fica a 2km (30 minutos de carro) do Sítio do Cocal.

Os caboclos de Cocal se auto-denominam de Wasú. Examinando o "Novo Dicionário da Língua Portuguesa", a palavra uaçu vem do Tupi-Guarani e este remete ao verbo açu. Açu vem do Tupi Wa'Su - elemento composto que entra na formação de muitas palavras indígenas, grande, vasto... . Na Biblioteca da Sede e do Museu do Índio não foram encontradas referências bibliográficas sobre este grupo. O professor Clóvis Antunes Carneiro de Albuquerque, da UFAL, que se diz pesquisador dos Wasú, não foi localizado em Maceió, pois tinha mudado de residência e na Cidade Universitária não tinham o novo endereço. Os caboclos comentam que o professor Clóvis esteve uma vez em Cocal, por algu

nas horas. Em Maceió visitei o Arquivo Público e o Instituto Histórico e Geográfico, mas não encontrei documentação sobre os Wasú.

Tudo leva a crer que os Wasú pertencem a família linguística Kariri, pois um caboclo disse que a língua falada era parecida com a dos Kariri. Não mais falam a língua nativa, mas há pessoas que lembram de algumas palavras. O caboclo Paulo contou que os dados sobre a língua que é do seu conhecimento, foi porque seu avô pediu para alguém registrá-los. Coletei uma série de vocábulos com dois informantes, que poderão ser identificados por um linguista.

sol: toá

sol no poente: tatá

chuva: talá

lua: tôbo

fogo: krou, tabu

água: bôdôsia

escuro: tatu

lua se põe: nivoá

suco de cana: odó

cana-de-açúcar: odó

Panouá:

ari

bufo

pufo

(aguardente)

(ir beber de)

(vai)

(chão)

bebida tomada durante o Toré

chitapã: como vai?

mato: távo

casa: ni

banana: tánana

caju: iu

estrela: chelina

cáu: sé

faijão: ef'ei

gerimum: ouow

panela: apã

pote: apó

Obtive com a professora índia do Cocal, a história do município de Joaquim Gomes, que é ensinada às crian

MINISTÉRIO DO INTERIOR

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI = 03 =

ças na Escola. Perto do município existia a "tribo do Cocau". O povoamento do município foi devido a estes índios. Em 1888 existia o povoado de Urucu. Pela Lei estadual 648, de 14 de agosto de 1962, a Vila Joaquim Gomes recebeu foros de cidade, sendo desmembrada de Passo de Camaragibe, a 25 de agosto de 1962 com novo Distrito.

A cidade de Joaquim Gomes, localiza-se na zona fisiográfica da mata, território montanhoso, com mais de sete serras. É banhada por vários rios, sendo oito os mais destacados. Na região produz: cana, mandioca, feijão, milho, algodão, batata doce e laranja. No município há a usina açucareira, Usina Alegria, antiga Santa Amália (mudou o nome depois que foi vendida).

Em 1908 a população da zona urbana era de 2.080 pessoas e na zona rural 3.560. Segundo, o IBGE em 1970 havia na zona urbana 2.060 pessoas e na zona rural 13.370. Já em 1975 estimaram a população em 17.038 indivíduos, havendo um ligeiro acréscimo em 5 anos. O município de Joaquim Gomes tem 448km² de extensão, com uma altitude 200 metros.

Os caboclos narraram que D. Pedro II, doou quatro léguas em quadro (uma sesmaria), ao capitão Salazar de Lira, por terem participado na Guerra do Paraguai. Como estava havendo dificuldade em recrutar brasileiros para lutarem na Guerra, o capitão Salazar, ofereceu alguns índios para participarem nela. De 1808 a 1813, doze índios entre homens e mulheres foram para o Paraguai. Dentre eles, citaram o Lava-Pé, o Lindóia, as índias Juruta e Cambonja. O sogro do Paulo ainda tem guardado a espada e a estrela que usou durante a Guerra do Paraguai.

O título das terras o Imperador deu ao capitão Salazar. O avô do caboclo Paulo, enviou os índios Camilo Besouro e Francisco Luiz de O', à cidade de Passo de Camaragibe entregar o documento ao Dr. Uchoa de Mendonça, dono do Cartório. Este tabelião era dono do Engenho Mirim. Ninguém, ficou sabendo se os portadores índios foram ao Engenho Mirim ou ao Passo de Camaragibe. Parece que o título de posse nunca deu entrada no Cartório. O pai do caboclo Paulo, contou-lhe que o título de posse

MINISTÉRIO DO INTERIOR

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI = 04 =

foi entregue em 1964, à Afonso de Mendonça, filho do Dr. Uchoa, porque a esposa deste disse possuir um documento igual àquele. Afonso de Mendonça, pediu para alguns índios trabalharem em sua fazenda e os enganou dizendo que iriam receber suas terras. Nunca mais reaveram, pois os filhos de Afonso de Mendonça casaram com os familiares dos Gomes. Alguns acham que a escritura original encontra-se em Brasília, Rio de Janeiro ou Recife, mas não sabem em que Cartório.

O caboclo Paulo, perdeu no mato a cópia da escritura da terra em 1964, quando fugia dos Gomes que queria matar a sua família. Durante seis meses ^{se} esconderam, comendo talo de macaxeira. Paulo quase enloqueceu, devido a esta perseguição. Ainda hoje, os Gomes não gostam dele e seus familiares preocupam-se quando sai sozinho, não fazendo comentários em frente de estranhos, para evitarem conflito com os fazendeiros.

Os extremos das 4 léguas possuem marcos e os caboclos José Máximo e Antonio João, este trabalha na Usina Santana, conhecem todos os marcos da área, localizando os seguintes lugares:

- Acima do Meio-Lombo, no nascente: Barra do Bananal, Forno Velho, Bueiro do Engenho Serra Azul, Toco do Pai Fogo, Volta do Rio das Três Barras e Ponto Final.
- No Poente: Serra do Vento, que faz divisa ("ponta") com o Riacho do Urubu (nascente); deste em direção ao Lombo do Canto; daí para a Igreja velha, do velho Bispo; desta sobe para a Serra da Helena; daí para a Serra do Bom Futuro; subindo, faz divisa com a Fazenda Santos Apóstolos.
- No leste(?): Serraria da Rainha, Riacho do Garrapa; segue em linha reta para o Itamarati; daí para a Barra do Bananal.

A terra doada está praticamente toda ocupada por fazendas de cana-de-açúcar, estando os índios localizados em uma minúscula parcela da área. Estes citaram várias fazendas de cana-de-açúcar que estão dentro de sua reserva e que se dizem proprietários delas.

- 1) Fazenda Serrinha de propriedade da Usina Alegria. Juvenal Maia Gomes era dono desta Usina, quando morreu, os herdeiros a ven

MINISTÉRIO DO INTERIOR

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI = 05 =

- deram. Esta terra foi tomada dos caboclos. Em 1949, Manoel Lo rentino foi morto a pisa, a mando de Juvenal, com a intenção de se apossar da Fazenda Serrinha. Manoel tinha ido na Fazenda para construir uma Igreja e Juvenal Maia Gomes não concordou. A Igreja foi destruída três vezes e no local tinha uma feira livre de mercadorias. Na segunda vez a Igreja foi derrubada por ordem do fazendeiro Juvenal. Há um cemitério na Fazenda. A técnica utilizada por este fazendeiro era se apossar das terras dos caboclos, lentamente e depois ir vendendo a terceiros.
- 2) Fazenda Gereba do Dr. Luis Alvin. Neste local há um cemitério que o fazendeiro não queria que utilizassem, pois pretendia cultivar cana-de-açúcar, cuidada pelos caboclos. O cemitério não é cercado, plantam flores nele e é de uso dos caboclos do Cocal (Ver anexo nº 2).
 - 3) Pedaco da Fazenda Buraco que pertence a Usina Alegria.
 - 4) Fazenda Bom Sucesso de José Leite. Antigamente esta Fazenda pertencia a Sebastião Zuza que em 1939 foi expulso por Juvenal Maia Gomes. O velho Sebastião trabalha na Fazenda Serrinha. Para adquirir a atual Fazenda, Juvenal mandou matar João Matiliano.
 - 5) Fazenda Rancho Alegre de João Abóbora.
 - 6) Fazenda Nossa Senhora das Graças de José Buarque.
 - 7) Fazenda Liberdade (antigamente Bom Futuro) que foi vendida por Antônio Celestino, dono da Usina Bititinga I.
 - 8) Fazendas Itamarati, Camacari, Sant'Ana (de José Soares) e São Geraldo pertencem à Usina Alegria, de Elízio.
 - 9) Fazenda Humaitá é terra dos crentes (Instituição?).
 - 10) Fazenda Serra Azul pertence à Usina Alegria.
 - 11) Fazenda do Zezé Fragoso.
 - 12) Fazenda Santa Lucia de José Luis Gomes.
 - 13) Fazenda de Maru Celestino Gomes, tem escritura de posse feita na cidade de Colônia, a 18Km de Cocal.
 - 14) Fazenda Cocalzinho de Estevão Amaro.
 - 15) Fazenda Cocal de Amaro Batista.
 - 16) Fazenda Santa Tercília de José Salustino de Lima (Salu). Este caboclo foi obrigado a comprar suas próprias terras, em 1960, que estavam em posse de Juvenal Maia Gomes, para não ficar de

MINISTÉRIO DO INTERIOR

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI = 06 =

sabrigado. Em 1959 a polícia a mando de Juvenal, queimou sua casa, expulsando-o do local.

- 17) Fazenda de Elita Gomes (filha de Juvenal Maia Gomes).
- 18) Fazenda Pe. Cícero de Floraci Simplício.
- 19) Fazenda de Antonio Zuza.
- 20) Fazenda Olho d'Água de Ailton.
- 21) Fazenda Três Barras de Manoel Carro.
- 22) Fazenda São Sebastião de Mario Batista.
- 23) Fazenda do Dedé Miguel.
- 24) Fazenda de Olivina Maria.
- 25) Fazenda Pedrinhas tem 3 donos: Mario Batista (nesta gleba há um cemitério de uso dos caboclos de Pedrinhas), Manoel Clarindo e uma doutora. Compraram estas glebas em 1976 e os caboclos se tornaram seus peões.
- 26) Fazenda Pe. Cícero de Manoel Cícero da Silva.
- 27) Fazenda de João Adilson Gomes.
- 28) Fazenda Torres de Nézinho Doca. Em 1978 este fazendeiro comprou de alguns caboclos do Cocal, pressionando-os, um pedaço de terra para plantar cana-de-açúcar. Os índios se revoltaram e se armaram para matá-lo. Nézinho Doca os atemorizou, dizendo que tinha falado com algumas pessoas, inclusive com advogados. Os três índios herdeiros deste lote se acovardaram e o venderam, sendo o dinheiro repartido entre eles. A estrada deste fazendeiro passa dentro do Sítio Cocal.
- 29) Fazenda Santa Helena de José Rocha.
- 30) Fazenda São José de Casuza.
- 31) Sítio São José de João Cária.
- 32) Fazenda de José Maria.
- 33) Fazenda Santa Quitéria de Luis Ronaldo.
- 34) Fazenda de Joatão.
- 35) Fazenda de Antonio Gomes.
- 36) Fazenda São Pedro do Major Duval. Há o cemitério de Serrinha.
- 37) Usina de Quebra-Pedra do Pedrão. Em 1941, Juvenal Maia Gomes tomou-a a tiros do antigo dono Manoel dos Santos.
- Floriano Duda comprou suas próprias terras de Juvenal Maia Gomes em 1945, mas perdeu-a de novo porque não conseguiu pagar as prestações.

Há 150 anos que os caboclos compraram suas próprias terras, para não serem expulsos delas. Muitos, já venderam partes dela por necessidade de dinheiro ou de sobrevivência. O Major Teotônio, parente da família Gomes, foi outro que aos poucos se apossou dos terrenos dos índios. Muitos deles foram vendidos e revendidos sem escritura, "o maior engulindo o menor".

Em março de 1979 um fazendeiro foi até o Cocal, acompanhado de seus capangas, para se apossar de um lote. Os caboclos discutiram com eles, fazendo-os desistir da intenção. Estão temerosos do que possa lhes ocorrer. Solicitam que a FUNAI dê segurança e assegure seus terrenos, pois constantemente aparece indivíduos querendo adquirir suas terras de maneira ilegal e através de compulsões.

Há um lugar em Cocal, que foi encontrado cacacos de cerâmica superficiais, mostrando a utilização da cerâmica pelos antigos. Um caco desta cerâmica foi enviado ao Setor de Arqueologia do Museu do Índio, para datação de Carbono 14. Esta evidência arqueológica, ajudará na prova da imemorialidade da posse da área. Se os advogados da FUNAI que tratarem do assunto, acharem que uma escavação arqueológica auxiliará nos trâmites judiciais de recuperação da gleba, poderá solicitar a escavação do sítio arqueológico, a uma equipe especializada. Os caboclos também mostraram um buraco raso, em frente a Escola, como o local onde os antigos caboclos dormiam.

Os caboclos do Cocal estão localizados no topo de um morro, estando encurralados por fazendeiros que compraram ou se apossaram do restante da área doada. O mesmo aconteceu com o pessoal de Pedrinhas. Os caboclos compraram Pedrinhas do madeiro Quincas Alfredo. Posteriormente, foram vendendo pedaços da gleba e como a escritura é uma única para toda a gleba, Mario Batista ao comprar uma parcela, ficou de posse da escritura de Pedrinhas. Essa escritura, foi dada ao novo proprietário pelo caboclo que vendeu o pedaço da terra do qual era herdeiro. O outro herdeiro (uma viúva) desta parcela, há um ano e meio atrás vendeu o outro pedaço por Cr\$ 100.000,00, induzida pelo genro civilizado. Ainda falta receber Cr\$ 60.000,00. Foi plantado cana neste local e

muitos caboclos deixaram de fazer roça nesta terra de boa qualidade. O caboclo Pedro Vicente também vendeu sua parcela de terra e mudou-se para São Paulo. Devido a ludibriação dos fazendeiros, outros pedaços de terra em Pedrinhas foram vendidos por 3, 5, 8 e 10 mil cruzeiros, incluindo as fruteiras. Muitos Wasú se arrependeram de terem realizado tal transação comercial. Os caboclos do Cocal não possuem escritura do seu Sítio.

Os caboclos dividiram a área indígena em lotes que são transferidos aos herdeiros através das gerações. Muitos os vendem livremente e outros são forçados ou enganados pelos usineiros a se desfazerem dos lotes. Estes vão aumentando as fazendas e deslocando os caboclos da área, por serem incômodas suas presenças. Os melhores lotes da gleba doada já estão em posse dos fazendeiros. Os caboclos tentam cultivar nos diminutos quintais de suas casas. Na realidade, a terra que possuem é o chão de suas casas.

A situação dos caboclos sempre foi péssima durante o decorrer dos anos, devido as pressões e imposições dos plantadores de cana-de-açúcar, a maior fonte de divisa do Município. Na época do fazendeiro Juvenal Maia Gomes, há 30 anos atrás, este ordenou um ataque a Aldeia do Cocal, levando doze pessoas presas porque tinham comido suas canas-de-açúcar. Muitos caboclos morreram e outros ficaram feridos. Outro incidente ocorreu há mais de 20 anos atrás, em que os caboclos fizeram um cerco na margem da estrada, para impedirem a entrada de fazendeiros na área. O Delegado da cidade os tranquilizou, argumentando que estavam com a razão e que ninguém os molestaria. Atualmente não ocorre choques sangrentos entre eles, mas os caboclos vivem preocupados temendo agressões, usurpações ou boicotes de trabalho nos canaviais dos proprietários vizinhos. Alegam que não são mortos porque trabalham nos canaviais por um preço baixíssimo, por medo de serem assassinados.

Na época do Governador de Pernambuco, Arraias, em 1962, um jornalista de São Paulo esteve na área e publicou algumas fotos dos caboclos. Os Gomes ficaram irritados. Em 1969, o caboclo Paulo esteve em Recife, na Secretaria de Agricultura, procurando os direitos do grupo sobre a terra. Foi mal rece

MINISTÉRIO DO INTERIOR

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI = 09 =

bido e nada conseguiu. Quando retornou ao Cocal, o fazendeiro Juvenal Maia Gomes queria tomar o restante de suas terras 'ho pulso'. Para resistirem o embate, misturaram cachaça com pólvora e limão, ficando valentes e semi-inconscientes diante da morte. O Delegado de Joaquim Gomes acalmou os caboclos.

Houve um relativo período de sossego e paz para os índios, após a morte de Juvenal Maia Gomes, em 1971. Inclusive o Governador de Alagoas enviou-lhes mercadorias. O Prefeito de Joaquim Gomes, que se intitula protetor dos Wasú, pediu que fossem morar na beira da estrada de rodagem, a BR 101, para evitar desentendimentos entre índios e fazendeiros, além de facilitar o transporte de doentes para a cidade. Os fazendeiros estavam dispostos a cederem (por empréstimo?) um lugar para morarem. Os caboclos recusaram a proposta.

Das 4 léguas iniciais, agora possuem menos de meia légua, outros dizem que há 700 alqueires em Cocal e outro tanto em Pedrinhas. Nunca mediram a área. Acelerou-se o processo da perda de suas terras na época da Reforma Agrária. Os lotes que restaram não são de boa qualidade, a cana-de-açúcar dá amarelada e não possuem adubo para melhorá-la. Suas terras são insuficientes para todos, sendo que muitos se espalharam pela região. Pretendem retornar ao Sítio do Cocal, se recuperarem seus terrenos.

Alguns proprietários ficaram sabendo da possibilidade de virem a perder suas fazendas que eram de posse indígena. Certos fazendeiros comentaram que as entregariam sem celeuma, mas outros porão obstáculos em sua concessão. O Prefeito de Joaquim Gomes acha que os caboclos não têm mais condições de readquirirem suas terras, porque eles próprios as venderam e estas já foram revendidas por várias vezes. Acha também difícil de reaverem a cópia da escritura que sumiu. Os registros das terras pelos novos donos eram feitos em Maceió, Colônia ou Passo de Camaragibe. O Cartório de Joaquim Gomes é de Úbitos, Nascimento e Casamentos. Não visitei Colônia e Passo de Camaragibe, porque saí adoentada do local, possivelmente ^{devido} a contaminação da água com produtos químicos usados nas lavouras de cana.

Determinados caboclos pagam o direito pelo uso da terra ao INCRA, sendo que em 1959 tinham que desembolsarem

Cr\$ 600,00. A multa vai aumentando anualmente. Alguns se recusam a pagar imposto de imóvel porque não têm recursos e a terra fora doada. O INCRA não os considera caboclos porque há civilizados entre eles e já se desfizeram de parte da área. Na década de 60 receberam formulários do antigo IBRA, nos quais 35 famílias deveriam fazer declaração de propriedade do imóvel rural, pagando Cr\$ 500,00. Recusaram-se a pagar esta taxa. Certos caboclos em 1978 pagaram Cr\$ 75,00 de imposto territorial ao INCRA.

Além dos Wasú estarem confinados numa exí-gua área esta será cortada por uma estrada de ferro. Em 1978 técnicos federais plotaram a trajetória de uma ferrovia, cuja linha passará dentro de uma residência indígena. As plantações serão indenizadas, mas por ocasião do levantamento de medição, os estragos feitos não foram pagos. Está previsto o início dos trabalhos em 1983. Esta ferrovia não deverá ser implantada na área, cabendo ao Órgão negociar a alteração do traçado da mesma.

Com a intenção de acelerar o processo de de finição da área para os Wasú, os convoquei para uma reunião noturna, na Escola, em 19/6. Eu e outro emissário índio fomos convocá-los pessoalmente em suas casas, no Cocal, pois os de Pedrinhas ficavam distante. A decisão que chegassem na reunião, seria de interesse geral da comunidade. Apareceram poucas pessoas, principalmente os mais idosos e conhecedores da história dos antigos e da localização dos marcos. Temiam tomar posições, pois eles "não podiam ir contra os ricos". Não acreditaram que a FUNAI pudesse reaver suas terras. A reunião foi de difícil diálogo porque não queriam se manifestar, para não serem futuramente prejudicados pelos fazendeiros. Após longas conversações, cinco jovens fizeram um esboço da área pretendida, sem que o pessoal se entusiasmasse muito (Ver anexo nº 3). Os mais jovens insistem em reaverem as 4 léguas que lhes fora doada, por serem de excelentes qualidades (1ª proposta), mas ao mesmo tempo, reconhecem a dificuldade da desapropriação das mesmas. Diante disso, fizeram uma 2ª proposta de redução da área, escolhendo uma mais produtiva. No outro dia, fizeram outra reunião, a noite, com a presença de pouquíssimos caboclos, na qual ratificaram as duas propostas anteriores. Não compareci ao encontro por estar enferma.

Estando a área definida, coletei alguns dados a fim de justificar a escolha. Caçam nas matas do Cocal e Pedrinhas. Pescam no Rio Camaragibe que banha várias Fazendas. A areia que vendem aos civilizados é retirada do Sítio do Cocal. Para construir suas residências, buscam o material de construção nas Fazendas vizinhas. A palha é trazida das Fazendas Gereba, São Pedro e Bom Futuro; a madeira e o barro, este para o reboco, são extraídos do Cocal e de Pedrinhas. Coletam frutos silvestres em Cocal, Pedrinhas, Fazendas São Pedro (cocos, quitara, catolé e dendê) e Bom Futuro (pitomba da mata). Há um cemitério em Pedrinhas e outro na Fazenda Gereba (Cocal). Narraram que no topo do morro da Fazenda Torre, antigamente enterravam os mortos. No lugar onde foi construído o Grupo Escolar, em Cocal, havia um cemitério de animais.

Em Maceió, visitei o INCRA que forneceu a relação de alguns proprietários de Joaquim Gomes, de 1972. Esta lista deverá ser conferida, para verificar se estão dentro das duas áreas propostas pelos índios.

- 1) Lote Santana: Adalberto José da Silva, código do imóvel -244.104.000.868; 25ha;
- 2) Fazenda Santa Ana: Alberto Soares, c.i. - 244.104.269.026;70,6ha;
- 3) Fazenda Galho do Meio: Candido P. das Chagas e outros, c.i. - 244.104.000.558; 150ha;
- 4) Serrinha: Elita Maria Gomes e outros, c.i. - 244.104.102.488; 20ha;
- 5) Sítio do Cocal: Elita Maria Gomes e outros, c.i. - 244.104.262.056; 50,1ha;
- 6) Três Barras: Elita Maria Gomes e outros, c.i. - 244.104.262.064; 1.475ha;
- 7) Sítio do Meio: Florentino Lima e outros, c.i. - 244.104.001.325; 300ha;
- 8) Estância Pe. Cícero: Floraci Simplicio da Silva e outros, c.i. - 244.104.000.841; 29,5ha;
- 9) Galho do Meio: Galdino João da Silva, c.i. - 244.104.000.442; 75ha;

MINISTÉRIO DO INTERIOR

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI = 12 =

- 10) Parte da Fazenda Três Barras: Geruza Maia de Rezende, c.i. - 244.104.276.154; 124ha;
- 11) Sítio Galho do Meio: Gilberto Bezerra da Silva, c.i. - 244.104.000.450; 33ha;
- 12) Fazenda Cocalzinho: Gustavo Amaro da Silva e outros, c.i. - 244.104.002.380; 500ha;
- 13) Chácara Itabira: Iracilda Juca Cancio, c.i. - 244.104.272.489; 26ha;
- 14) Fazenda Helena: João Borges da Silva e outros, c.i. - 244.104.261.475; 200ha;
- 15) Fazenda Santos Apóstolos: João Raimundo do Nascimento, c.i. - 244.104.000.566; 33ha;
- 16) Fazenda Santos Apóstolos: José Correia de Araujo, c.i. - 244.104.000.400; 50ha;
- 17) Fazenda Santos Apóstolos: José Florencio da Silva, c.i. - 244.104.000.680; 94ha;
- 18) Granja Pe. Cícero: José Francisco Gomes, c.i. - 244.104.001.309; 10ha;
- 19) Sítio do Meio: José Galdino da Rocha, c.i. - 244.104.000.469; 15ha;
- 20) Lote Nossa Senhora das Graças: José Zacarias da Silva, c.i. - 244.104.001.236; 150ha;
- 21) Fazenda Gereba: Luis de França Alvim Soares, c.i. - 244.104.000.329; 154ha;
- 22) Sítio Santa Quitéria: Julio de Araujo Pessoa e outros, c.i. - 244.104.001.759; 75ha;
- 23) Fazenda Santa Helena: Luis de França Alvim Soares, c.i. - 244.104.000.337; 138ha;
- 24) Sítio Santa Quitéria: Manoel Alves Santana, c.i. - 244.104.002.046; 61,7ha;
- 25) Tapado ou Pedrinhas: Manoel Antonio dos Santos Espolio, c.i. - 244.104.002.399; 100ha;
- 26) Fazenda São José: Manoel Lucio Bernardo, c.i. - 244.104.000.140; 36ha;
- 27) Fazenda Santos Apóstolos: Manoel Soares de Araujo e outros, c.i. - 244.104.000.710; 50ha;
- 28) Engenho Liberdade: Newton Silva, c.i. - 244.104.906.549; 500ha;

MINISTÉRIO DO INTERIOR

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI = 13 =

- 29) ? : Pedro Manoel de Omena, c.i. - 244.104.001.031; 6ha;
 30) Sítio Torres: Ulisses José de Freitas, c.i. - 244.104.000.108;
 15ha.

A FUNAI deverá lutar pela posse das 4 léguas, vitais para os Wasú sobreviverem como grupo étnico e desenvolverem uma agricultura mista, podendo se engajarem no sistema econômico através do cultivo de cana-de-açúcar, uma vez que já são utilizados na região como mão-de-obra barata e desqualificada. A 2ª proposta seria uma alternativa usada como o último recurso disponível para reaver o antigo habitat dos Wasú. Um antropólogo e um topógrafo deverão ser deslocados ao local, para reavivarem os marcos tradicionais e complementarem os dados aqui registrados.

II - Organização Social

a) Composição Familiar

O levantamento sócio-econômico que me propus a realizar, foi difícil a sua concretização, devido ao estado de ânimo encontrado no grupo. Todas as casas dos dois núcleos habitacionais foram visitadas. Muitos declararam os nomes errados, alguns não forneceram informações e outros se esconderam quando me avistaram, pois temiam que os prejudicasse. Temiam dar seus nomes por vários motivos: que estes seriam entregues aos comunistas; que o governo recolhe os nomes e não ajuda a "pobreza", apesar de pensarem que primeiro vem Deus e depois o governo para ajudar os pobres; que os fazendeiros de Maceió ou o exército poderão perseguí-los; saírem seus nomes nos jornais e os guarda-costas dos fazendeiros vierem matá-los. Os índios estão tão assustados que alguns vão à Maceió avisarem aos fazendeiros qualquer movimento reivindicatório a favor dos caboclos, realizado por eles ou por estranhos. O medo desuniu o grupo e pretendem enfrentar o problema com "armas nas mãos".

Houve um pequeno incidente com o Prefeito de Joaquim Gomes que é necessário relatar, para evitar futuros desentendimentos entre Prefeitura e FUNAI. O Prefeito foi empossado no cargo em 1977 e sempre se preocupou com os Wasú, apesar de ignora

a Legislação Indígena. Irritou-se quando soube através da professora Índia, que mandou-lhe um bilhete, comunicando minha presença na área. Não admitiu que um técnico do Governo tenha entrado em sua jurisdição sem ter-lhe avisado. Mais tarde, ao visitar-lhe na cidade, soube que a professora dissera-lhe que minha despesa na área, seria por conta da Prefeitura. A professora comentou, no meu regresso, que avisara ao Prefeito, porque os caboclos lhe obrigara a fazer isso. Na realidade, suponho que temiam desgostar o Prefeito, porque é o único apoio que contam na região, apesar das expressões negativas dos fazendeiros sobre ele.

No Sítio Cocal e em Pedrinhas as casas estão espalhadas pelo local, mas de uma maneira concentrada. As casas são de taipa (tápató), cobertas de palhas de coqueiro e o chão batido. Algumas casas também são cobertas com sapé, cuja cobertura dura dois anos. Vi só uma casa de tijolo. As madeiras para as construções são compradas nas fazendas vizinhas. As palhas também são compradas a Cr\$ 3,00 a folha. Contam que antigamente a aldeia era grande e populosa. O mobiliário das vivendas é muito e estrito necessário: painéis de alumínio, mesa, banco... Raras famílias possuem rádios.

Poucas pessoas têm traços fisionômicos indígenas. Todos se identificam como caboclos ou índios e também são considerados pela população envolvente. O Prefeito de Joaquim Gomes não vê o Sítio do Cocal como Aldeia, pois há somente 15 índios "verdadeiros". Mesmo assim os assiste, por também se considerar de descendência indígena, apesar de se identificar em outro grupo. Diz respeitar a cultura dos Wasú, embora esteja desaparecendo. Encontra-se nele alguns estereótipos comuns a leigos que desconhecem o sistema cultural indígena. Alega que os caboclos são mentirosos, insolentes, encrenqueiros, preguiçosos; quando bebem, ficam valentes e criam confusões para ele. Tem prevenção contra alguns caboclos, por serem estes mais conscientes e terem ascendência sobre o grupo.

Parece que o Estado de Alagoas ignora a existência dos Wasú, pois no mapa do Estado, impresso pela Secretaria de Educação e Cultura, 2º semestre de 1978, "Aspectos Turísticos, Históricos e Culturais", entre as cidades de Pão-de-Açúcar e Taba,

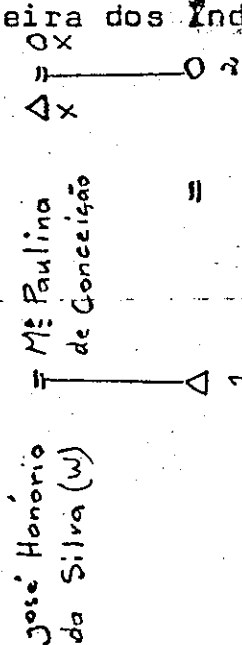
há um símbolo de quatro ocas e um índio de lança em punho (seria o lugar onde se acham os Xokó?). No local do Sítio Cocal, está de senhada uma Usina de cana-de-açúcar e de álcool. Isto demonstra que nesta área consideraram expressivo, apenas os canaviais particulares e não, o agrupamento indígena.

Ao fazer o recenseamento dos Wasú, deparei-me com algumas dificuldades ideológicas sobre a categoria de civilizado. Usavam a terminologia de pernambucano aos nascidos em Pernambuco; ao sertanejo do sul chamavam de corumba; de português, a pessoa de "descendência limpa". Fiz o registro desses indivíduos como civilizados.

No Sítio do Cocal há 43 casas, constituídas de famílias nucleares e algumas compostas. Foram computadas 268 pessoas. Após a listagem dos nomes, faço um esquema genealógico dos parentes de ego, em separado.

Casa 1

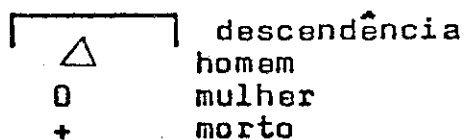
1. Jeová José Honorário da Silva: 29 anos, W + C *
 2. Maria Bezerra da Silva: 30 anos, X (de Palmeira dos Índios)
 3. Marcos José: 12 anos, W + C + X
 4. Josevania: 9 anos, W + C + X
 5. Gilvânia Maria: 8 anos, W + C + X
 6. Givaneide: 7 anos, W + C + X
 7. Geovania: 6 anos, W + C + X
 8. Jeová José: 5 anos, W + C + X
 9. Maria da Apresentação: 3 anos, W + C + X
 10. José Jeová: 2 anos, W + C + X
 11. Maria Aparecida: 5 meses, W + C + X
- Empregados na cidade:
- Joana Maria da Silva: W + C + X
 - Antonio Juvino da Silva: W + C + X



* Convenções

- W: Wasú
- C: Civilizado
- X: Xukurú
- I: Índio não identificado
- F: Fulniô (de Águas Belas)

= casamento

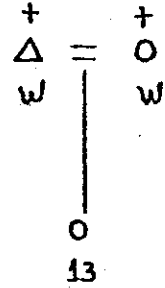
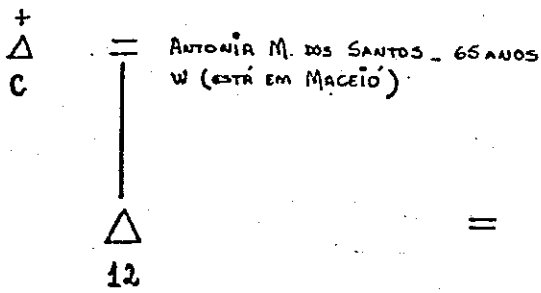


MINISTÉRIO DO INTERIOR

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI = 16 =

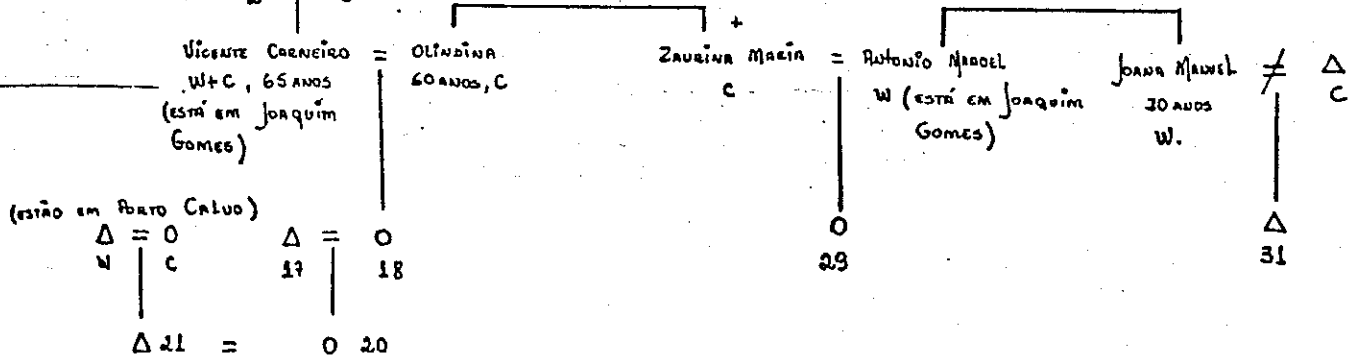
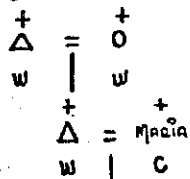
Casa 2

- 12. Cícero Caetano: 40 anos, C + W
- 13. Marina da Conceição: 32 anos, C + W
- 14. Severino: 10 anos, C + W
- 15. Cristiano: 3 anos, C + W
- 16. José Claudio: 2 anos, C + W



Casa 3

- 17. Pedro Joaquim da Silva: 54 anos, C
- 18. Nair Vicente da Silva: 41 anos, W + C
- 19. Edson Pedro: 21 anos, W + C
- 20. Sonia Nair: 18 anos, W + C
- 21. Nelton Ivo da Silva: 33 anos, W + C
- 22. José Ivo: 3 anos, W + C
- 23. Edilsa Sonia: 1.4 ano, W + C
- 24. Edinaldo P.: 17 anos, W + C
- 25. Marina Nair: 12 anos, W + C
- 26. Edina Nair: 9 anos, W + C
- 27. Pedro Filho: 5 anos, W + C
- 28. Sandra Nair: 3 anos, W + C
- 29. Maria José: 14 anos, W + C
- 30. Cícero: 17 anos, W + C
- 31. Edeilton: 6 anos, W + C

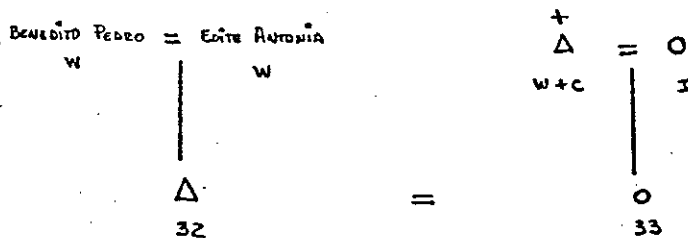


MINISTÉRIO DO INTERIOR
 FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI = 17 =

Obs: O caboclo Paulo diz que os ocupantes desta casa não são descendentes de caboclos e que estão na área apenas há 10 anos. Não foi possível averiguar a veracidade desta informação.

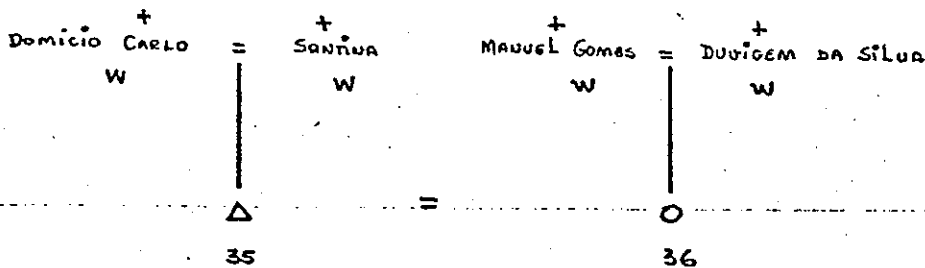
Casa 4

- 32. Mario Pedro da Silva: 21 anos, W
- 33. Maria Helena da Silva: 14 anos, W + C + I
- 34. José de Barros: C + índio de Santa Teresa (PE)



Casa 5

- 35. Sebastião Domísio: 40 anos, W
- 36. Maria do Virgem da Silva: 43 anos, W
- 37. Antonio Sebastião: 20 anos, W
- 38. Marinaves Maria: 25 anos, W
- 39. José Sebastião: 17 anos, W
- 40. Ademilson: 12 anos, W
- 41. Heleno Silva: 11 anos, W
- 42. Aparecida Maria: 15 anos, W

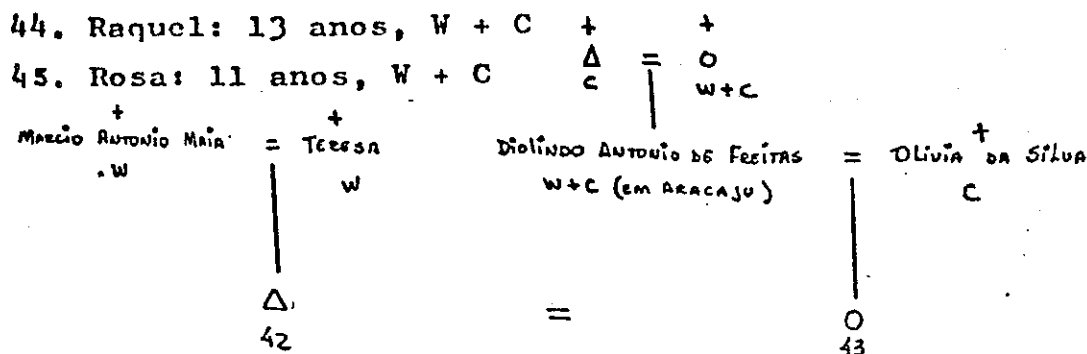


Casa 6

- 42. Antonio Marcio de Oliveira: 68 anos, W
- 43. Dolores Maria: 55 anos, W + C

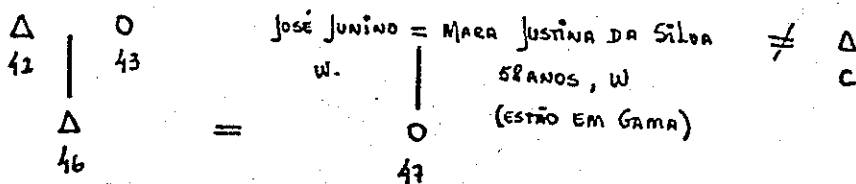
MINISTÉRIO DO INTERIOR

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI = 18 =



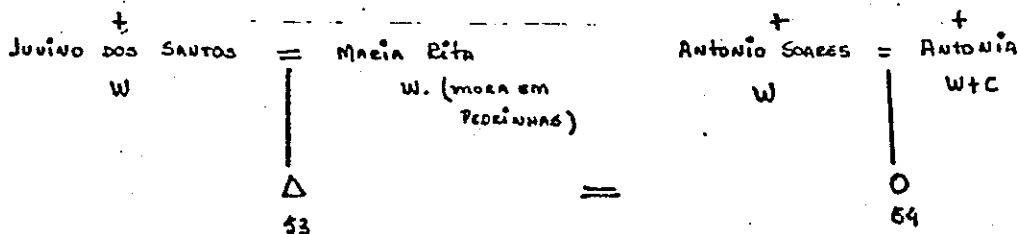
Casa 7

- 46. Expedito Antonio da Silva: 24 anos, W + C
- 47. Maria: 30 anos, W
- 48. Nelson Expedito: 8m, W + C
- 49. Nego: 5 anos, W + C
- 50. Zeza: 14 anos, W + C
- 51. Rosa: 8 anos, W + C
- 52. George: 10 anos, W + C



Casa 8

- 53. Antonio Juvino dos Santos: 26 anos, W
- 54. Nadir Antonia da Silva: 30 anos, W + C
- 55. Roselene: 8 anos, W + C
- 56. Roseneide: 6 anos, W + C
- 57. Cícera Naidr: 2 anos, W + C

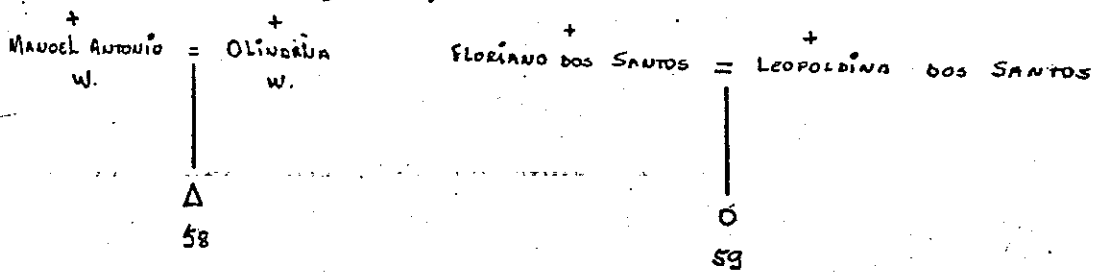


MINISTÉRIO DO INTERIOR

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI = 19 =

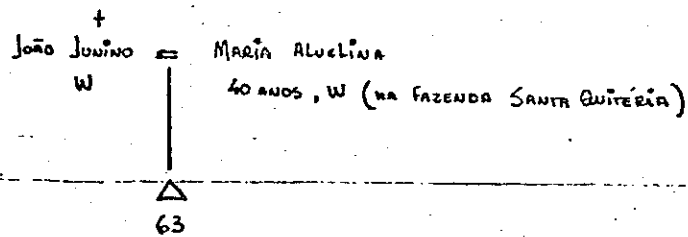
Casa 2

- 58. Francisco Manoel: 55 anos, W
- 59. Marina Leopoldina: 38 anos, W
- 60. José Francisco: 13 anos, W
- 61. Antonio: 3 anos, W
- 62. Milton: 6 anos, W
- Encontram-se em Leopoldina:
 - Maria José Leopoldina dos Santos: 18 anos, W
 - Cícero Bezerra da Silva: 22 anos, C
 - Joseman: 1.3 ano, W + C



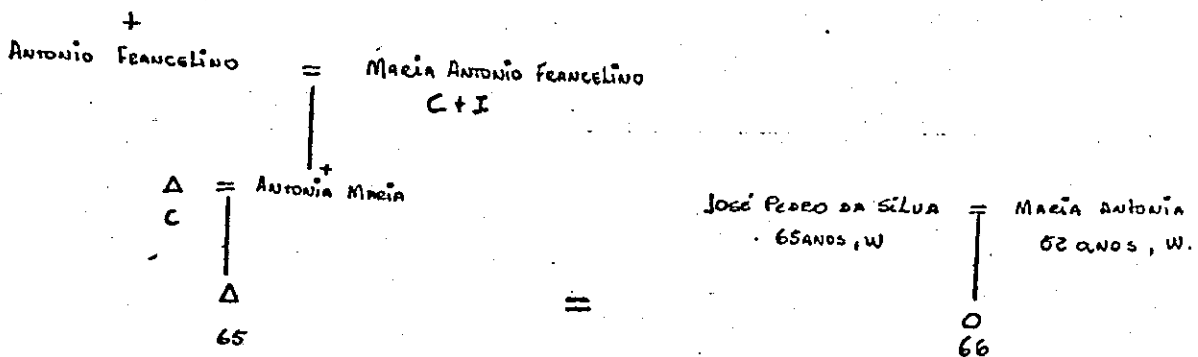
Casa 10

- 63. Cícero João da Silva: 24 anos, W
- 64. Maria de Fátima Maria: 14 anos, C (grávida)



Casa 11

- 65. João José Cordeiro: 26 anos, C + I
- 66. Maria Antonia da Conceição: 17 anos, W (grávida)

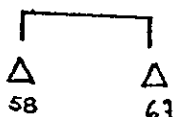


MINISTÉRIO DO INTERIOR

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI = 20 =

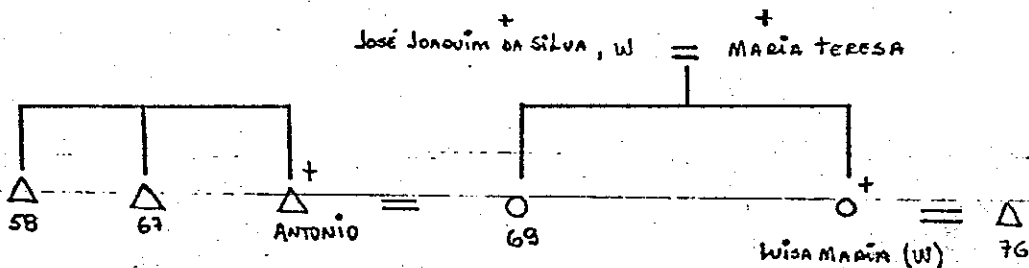
Casa 12

- 67. Manoel Antonio: 57 anos, W
- 68. Francisca Maria: 72 anos, C
- Residem fora da área 8 filhos casados



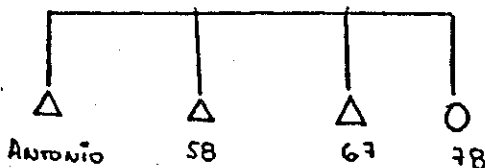
Casa 13

- Antônio Manoel da Silva falecido, W
- 69. Antonia Maria da Conceição: 38 anos, W
- 70. Cleusa: 18 anos, W
- 71. José Antonio: 16 anos, W
- 72. Josefa: 12 anos, W
- 73. Roseneide: 7 anos, W
- 74. Antonio: 6 anos, W
- 75. Neilton: 2.3 anos, W
- 76. Antonio Severino da Silva: 46 anos, C(sem filhos)
- 77. Josival Antonio: 9 anos, W + C



Casa 14

- Antonio José de Oliveira: C, falecido
- 78. Marinete Arlinda de Sousa: 64 anos, W
- 79. Maria Francisca: 18 anos, W + C (grávida)
- 80. Luis: 20 anos, C
- 81. Vera Lucia: 4 anos, W + C (filhos de 79 e 80)
- 82. Antonio: 2 anos, W + C
- 83. Carlos Juvino: 25 anos, W + C (filhos de 78)
- 84. Amauri: 19-anos, W + C
- 85. José: 20 anos, W + C

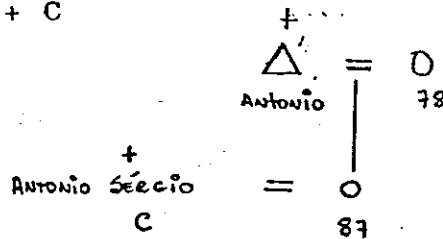


MINISTÉRIO DO INTERIOR

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI = 21 =

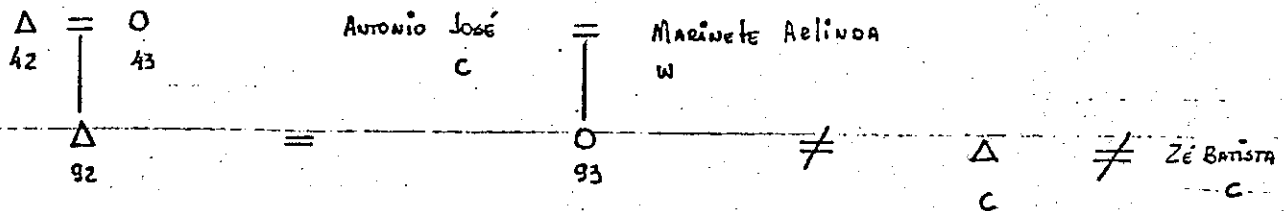
Casa 15

- 86. Manoel Lopes: 60 anos, C
- 87. Benedita Maria: 43 anos, W + C
- 88. Maria José: 15 anos, W + C (filha só de 87)
- 89. Valdensiro: 7 anos, W + C (filhos de 86 e 87)
- 90. José: 5 anos, W + C
- 91. Coco: 8 anos, W + C



Casa 16

- 92. Expedito Marcio de Oliveira: 25 anos, W + C
- 93. Maria José da Conceição: 27 anos, W + C
- 94. Nelson: 8m, W + C
- 95. Edimilson: 6 anos, W + C (filhos de 93 e C)
- 96. Roseneide: 7 anos, W + C
- 97. Maria José: 15 anos, W + C (filhos de 93 e Zé Batista)
- 98. Josenete: 12 anos, W + C



Casa 17

- 99. José Manoel de Sousa (Paulo): 59anos, W
- 100. Gelita Francisca: 35 anos, W + F
- 101. Jaime Lopes Clovis: 40 anos, C
- 102. Maria Francisca: 18 anos, W + F
- 103. Maria Celia: 1 ano, W + F + C
- 104. Maria José: 17 anos, W + F (filhos de 99 e 100)
- 105. Maria Madalena: 13 anos, W + F
- 106. Manoel: 11 anos, W + F

MINISTÉRIO DO INTERIOR

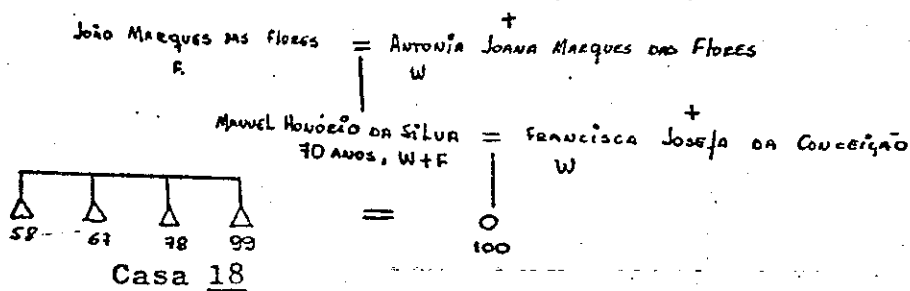
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI = 22 =

107. Antonio José: 26 anos, W + F

108. Maria José Clementina: C

Residem na Usina Bititinga:

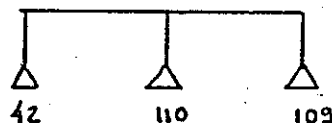
- Zézinho José de Souza: 65 anos, C
- Cícera: 25 anos, W + F (sem filhos)
- Everaldo: 10 anos, C (filhos de 101 e Ivanete, C, separados)
- Patrícia: 4 anos, C
- Rosângela: 2 anos, C



Casa 18

109. Pedro Marcio: 59 anos, W

110. Jaimo dos Santos: 55 anos, W



Casa 19

111. Benedito Pedro: 54 anos, W

112. Edite Antonio da Silva: 40 anos, W

113. Judite: 12 anos, W

114. José: 8 anos, W

115. Elizabeth: 7 anos, W

116. Silvania: 6 anos, W

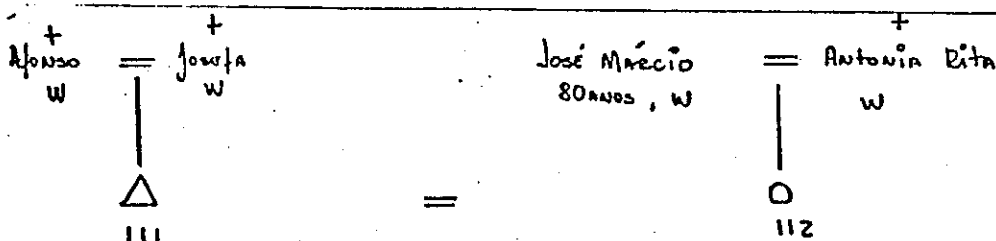
117. Carlos: 2 anos, W

Reside em Palmares:

- Benedita: 20 anos, W

Reside na Fazenda Torre:

- Amaro Benedito: 22 anos, W
- Maria Helena: 15 anos, C (sem filhos)

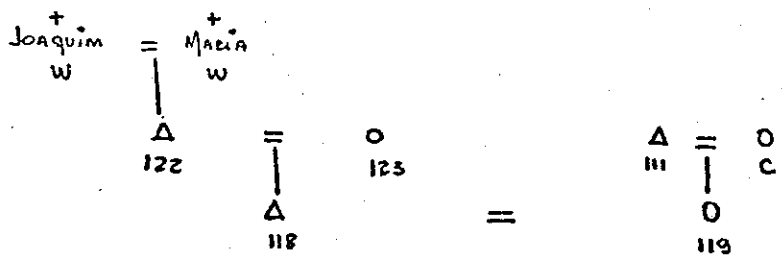


MINISTÉRIO DO INTERIOR

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI = 23 =

Casa 20

- 118. José Antonio: 30 anos, C + W
- 119. Alaíde Helena da Silva: 25 anos, W + C
- 120. Josete: 4 anos, W + C
- 121. Menino: 4m, W + C

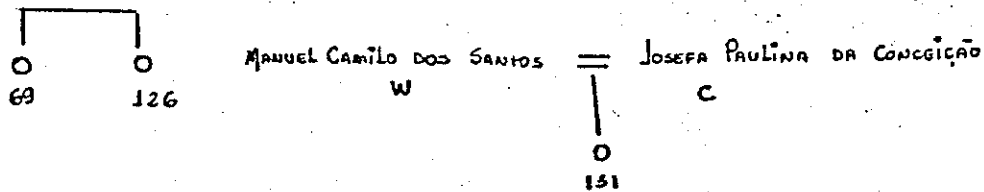


Casa 21

- 122. Amaro José: 75 anos, W
- 123. Maira Antonia: 65 anos, C
- 124. Adávio: 22 anos, W + C

Casa 22

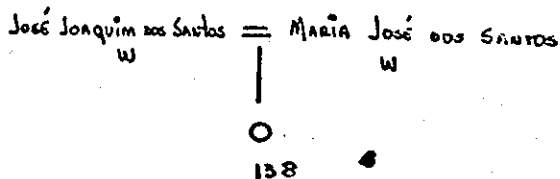
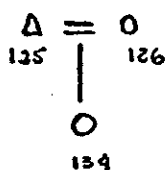
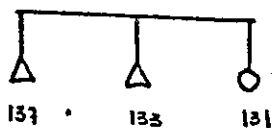
- 125. José Pedro da Silva: 66 anos, C
- 126. Maria Antonia da Conceição: 56 anos, W
- 127. José: 10 anos, W + C
- 128. Eliste: 18 anos, W + C
- 129. Têia: 9 anos, W + C
- 130. Antonio José: 23 anos, W + C
- 131. Maria Helena: 19 anos, W + C
- 132. Manoel: 5m, W + C (filho de 130 e 131)



Casa 23

- 133. João Manoel dos Santos: 32 anos, W + C
- 134. Josefa Antonia da Silva: 18 anos, W + C
- 135. José Manoel: 4 anos, W + C
- 136. Marcos João: 7m, W + C
- 137. Juvenal Manoel dos Santos: 26 anos, W + C
- 138. Maria de Fátima dos Santos: 16 anos, W

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI = 24 =



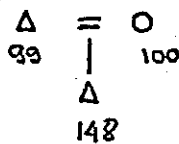
Casa 24

- 139. João Valentim da Silva: 45 anos, C
- 140. Janete Maria da Conceição: 35 anos, W
- 141. Petrúcia: 20 anos, W + C
- 142. Amaro: 18 anos, W + C
- 143. Cícera: 14 anos, W + C
- 144. José Olímpio: 15 anos, W + C
- 145. Teresa: 14 anos, W + C
- 146. Marlene: 6 anos, W + C
- 147. José Fernando: 2 anos, W + C



Casa 26

- 148. Antonio José de Sousa: 25 anos, W + F
- 149. Maria José da Silva: 19 anos, C
- 150. Antonio José: 3 anos, W + F + C
- 151. Valdenês: 8m, W + F + C



Casa 27

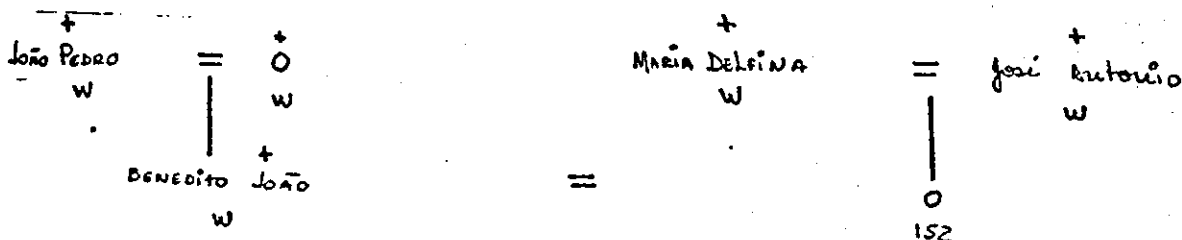
- 152. Juvanir Delfina: 35 anos, W (viúva)
- 153. Gerimaro: 18 anos, W
- 154. Zuleide: 17 anos, W
- 155. marido de 154, C
- 156. menina: 4m, W + C (filha de 154 e 155)
- 157. Dasneve: 25 anos, W
- 158. Doca: 15 anos, W
- 159. Selma: 6 anos, W

MINISTÉRIO DO INTERIOR

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI = 25 =

160. Maria das Dores: 9 anos, W

161. Valéria: 3 anos, W



Casa 28

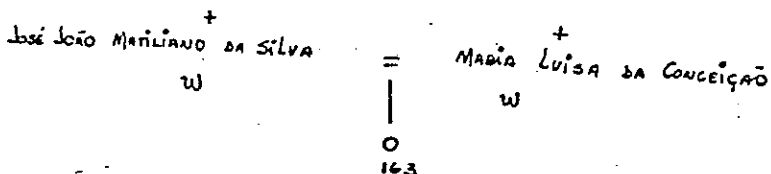
162. Manoel Evaristo: 35 anos, C

163. Maria do Carmo Luisa: 23 anos, W

164. Ivanilda: 4 anos, W + C

165. Ivanildo: 5 anos, W + C

166. Marcia: 9 anos, W + C



Casa 29

167. Cícero Máximo: 74 anos, W + C (aposentado)

168. Cícera Ercília da Silva: 43 anos, C

169. Cícero Máximo: 16 anos, W + C } gêmeos

170. Iranda: 16 anos, W + C

171. Édina: 11 anos, W + C

172. Divaldete: 9 anos, W + C

173. Paulo: 3 anos, W + C

174. Valter: 2 anos, W + C

175. Demastur: W + C

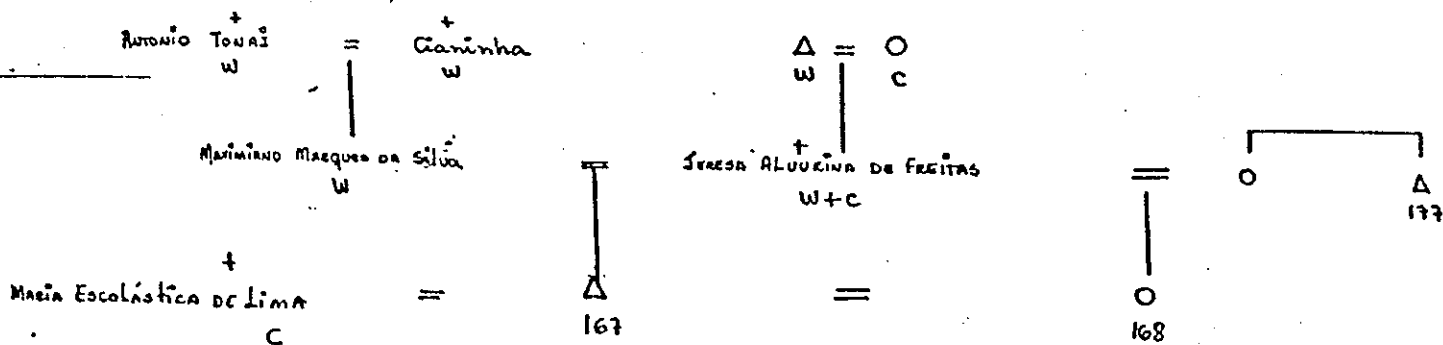
176 Carlos Máximo Lima: 23 anos, W + C (filho só de 167)

177. Francisco: C, andarilho (tio materno de 168)

Residem em Tabuleiro do Pinto:

- Toninha Cícera: 18 anos, W + C (filha de 167 e 168)

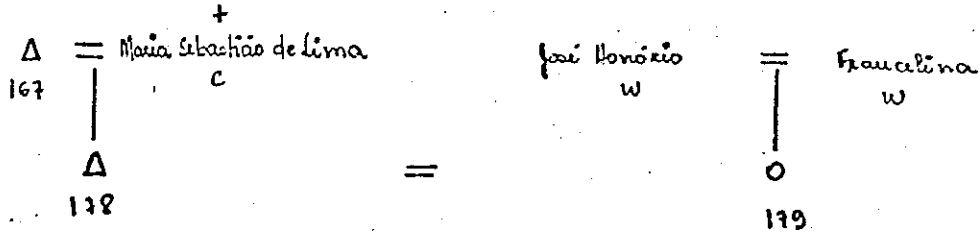
- marido, C



MINISTÉRIO DO INTERIOR
 FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI = 27 =

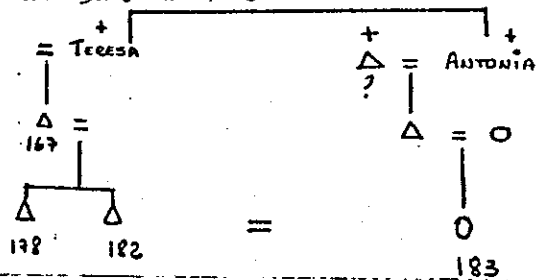
Casa 30

- 178. José Cícero Máximo: 27 anos, W + C
- 179. Maria José da Silva: 23 anos, W
- 180. Samuel: 3 anos, W + C
- 181. Margarida: 2 anos, W + C



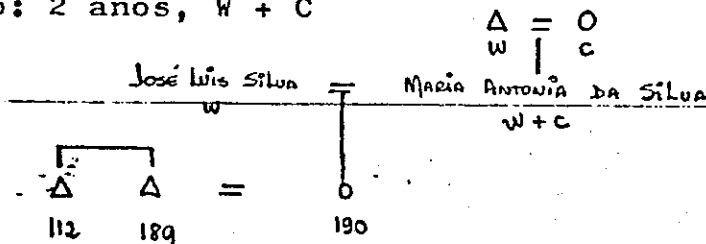
Casa 31

- 182. Antenor Lima da Silva: 31 anos, W + C
- 183. Dulce Maria da Conceição: 21 anos, W + (C?)
- 184. Ione Maria: 8 anos, W + C
- 185. Manuel: 7 anos, W + C
- 186. Flaviano: 4 anos, W + C
- 187. Sandra: 3 anos, W + C
- 188. Ieda: 5m. W + C



Casa 32

- 189. Manoel José de Oliveira: 45 anos, W
- 190. Antonia Maria da Silva: 25 anos, W + C
- 191. Augusto: 14 anos, W + C
- 192. Maria do Carmo: 8 anos, W + C
- 193. José Manoel: 7 anos, W + C
- 194. Maria Antonia: 5 anos, W + C
- 195. Antonio: 3 anos, W + C
- 196. Cícero: 2 anos, W + C

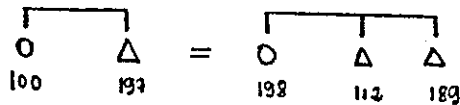


MINISTÉRIO DO INTERIOR

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI = 28 =

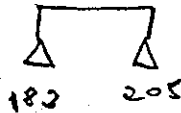
Casa 33

- 197. José Honório da Silva: 45 anos, W
- 198. Francelina Antonia: 49 anos, W
- 199. Edileusa: 22 anos, W
- 200. Valdo Leopoldino: 28 anos, C
- 201. Edilene: 4 anos, W + C
- 202. Valdenici: 25 anos, W + C
- 203. Miriam: 1.2 ano, W + C
- 204. Zenilda: 8 anos (parente de 198), ?



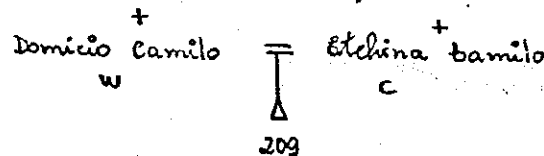
Casa 34

- 205. José Zito: 33 anos, W + C
- 206. Marinita: 23 anos, W
- 207. Samuel: 4 anos, W + C
- 208. Margarida: 3 anos, W + C



Casa 35

- 209. Amaro Domício: 38 anos, W
- 210. Maria José da Silva: 35 anos, C
- 211. Adalberto: 11 anos, W + C
- 212. Antonio: 8 anos, W + C
- 213. José Carlos: 7 anos, W + C
- 214. Maria de Lourdes: 5 anos, W + C



Casa 36

- 215. Maria de Teresa do Carmo: 60 anos, W + C (viúva)
- 216. José Sebastião: 30 anos, C
- 217. Maria José: 23 anos, W + C (filha de 215)
- 218. Benedita: 12 anos, W + C
- 219. Esmeralda: 5 anos, W + C

MINISTÉRIO DO INTERIOR

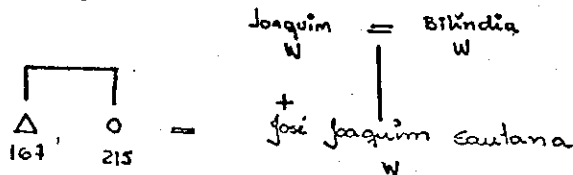
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI = 29 =

220. Esmerina: 7 anos, W + C

221. Esmeraldo: 4 anos, W + C

222. Daniel: 2 anos, W + C

223. Marcos: 3m, W + C



Casa 37

224. Pedro Manoel da Silva: 28 anos, W

225. Maria do Carmo da Silva: 25 anos, W

226. Marilene: 14 anos, W

227. Josefa: 11 anos, W

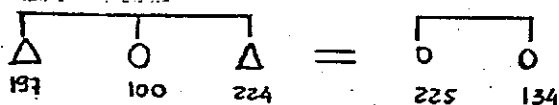
228. José: 8 anos, W

229. José Roberto: 6 anos, W

230. Josefa: 4 anos, W

231. Edilene: 3 anos, W

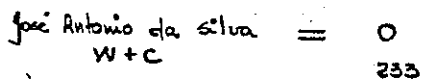
232. José Nilson: 1.1 ano, W



Casa 38

233. Maria Elói da Conceição: 65 anos, W + C (viúva)

234. Cícero José da Silva: 29 anos, W + C



Casa 39

235. Caetano José: 65 anos, C

236. Zefina: 35 anos, W + C

237. Antonia: 9 anos, W + C

238. Cícero: 11 anos, W + C

239. José: 7 anos, W + C

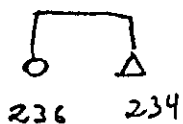
240. Zome: 5 anos, W + C

241. menina: 6 anos, W + C

242. menina: 3 anos, W + C

MINISTÉRIO DO INTERIOR
 FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI = 30 =

243. menino: 1 ano, W + C



Casa 40

244. José Joaquim dos Santos: 54 anos, W

245. Maria José dos Santos: 33 anos, W

246. Maria de Fátima: 17 anos, W

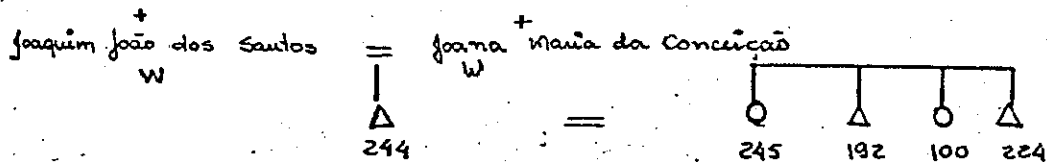
247. Maria das Graças: 13 anos, W

248. Carlos: 9 anos, W

249. Maria José: 7 anos, W

250. Maria Cícera: 5 anos, W

251. Sandra Maria: 3 anos, W



Casa 41

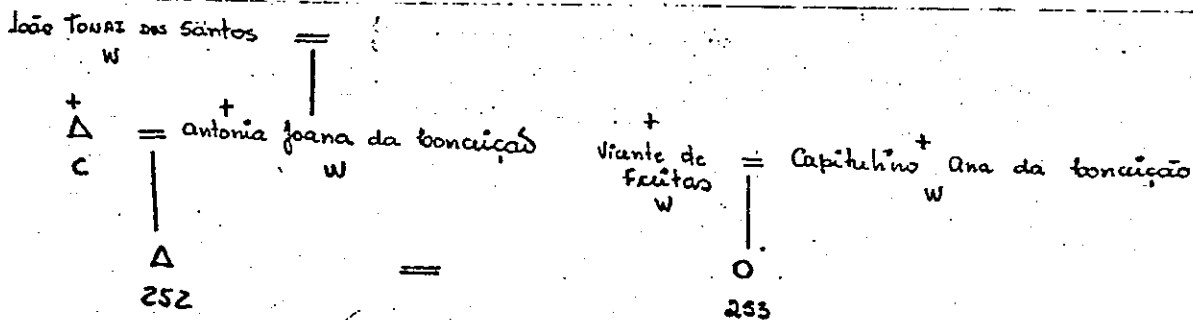
252. Cícero Honório da Silva: 68 anos, W + C

253. Antonia Ana da Conceição: 69 anos, W

254. José Honório: 38 anos, W + C

255. Gilberto: 28 anos, W + C

256. José Silva: 15 anos, W + C



Casa 42

257. Antonio Honório: 36 anos, W + C

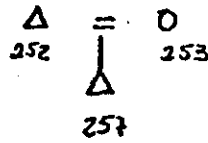
258. Elsa: ?, C

259. menino: 3 anos, W + C

260. Gênio: 6 anos, C + W (filho de 258 com um W)

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI = 31 =

261. Gina: 5 anos, C + W

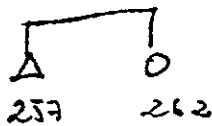


Casa 43

262. Esmerita: 25 anos, W + C (separada de um C)

263. Cícera: 10 anos, W + C

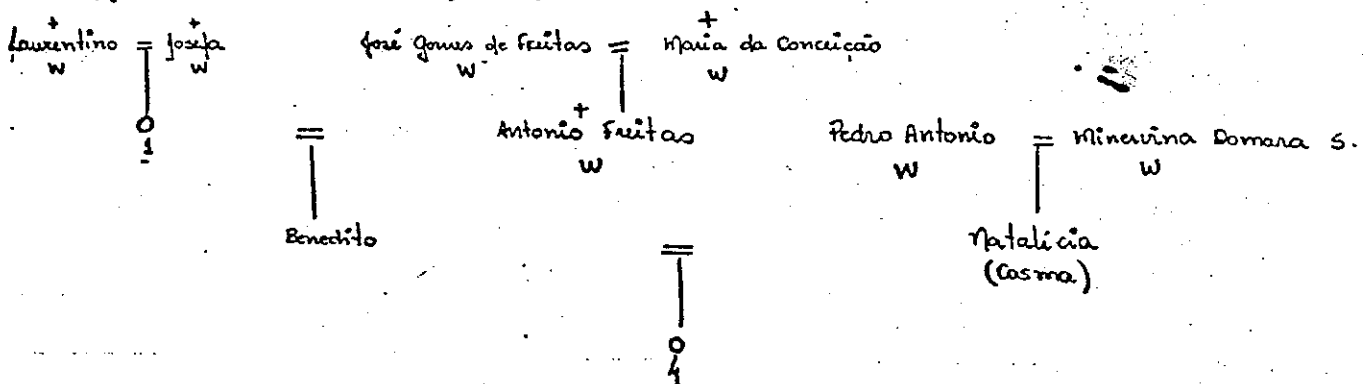
264-8. mais 5 filhos não identificados



No núcleo de Pedrinhas existem 28 casas, sendo o tipo familiar mais comum, o nuclear, mas há várias casas de agregados à família e de família composta. A população neste agrupamento é de 161 pessoas.

Casa 1

1. Maria da Conceição: 60 anos, W (viúva)
2. Cícero: 20 anos, W
3. Damião: 25 anos, W
4. Teresa: 11 anos, W (neta de 1)



Casa 2

5. Bonedito Freitas: 40 anos, W (?)
6. Maria Rita: 50 anos, ?
7. Jane Neide: 5 anos, W + ?

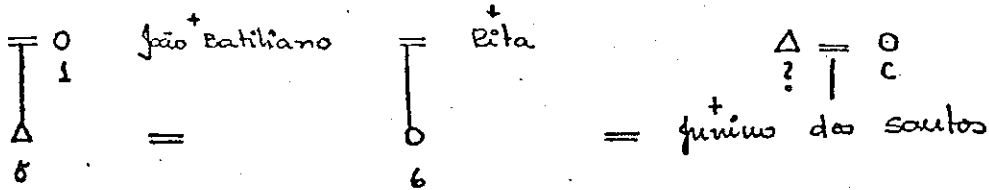
MINISTÉRIO DO INTERIOR

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI = 32 =

- 8. Teresa: 12 anos, W + ?
- 9. Maria Cícera: 20 anos, C + ? (filhos só de 6)
- 10. José Manoel: 18 anos, C (sem filhos)

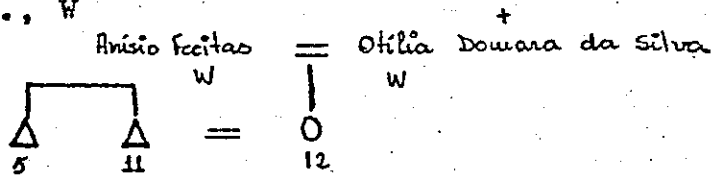
Reside fora da área:

- Joana Maria: 17 anos, C + ? (irmã de 9)



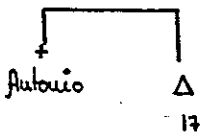
Casa 3

- 11. José Freitas: 23 anos, W
- 12. Antonia Otília: 22 anos, W
- 13. Luciene: 8 anos, W
- 14. Rivanildo: 3 anos, W
- 15. Edilson: 2 anos, W
- 16. Selma: 8m., W



Casa 4

- 17. Anísio de Freitas: 60 anos, W
- 18. Elsa: 40 anos, C
- 19. José: 15 anos, W + C
- 20. Lourdes: 3 anos, W + C



Casa 5

- 21. Pedro Antonio: 55 anos, W
 - 22. Minervina Domara da Silva: 50 anos, W
 - 23. Maria José: 16 anos, W
 - 24. Maria do Carmo, 16 anos, W
- } Gêmeos

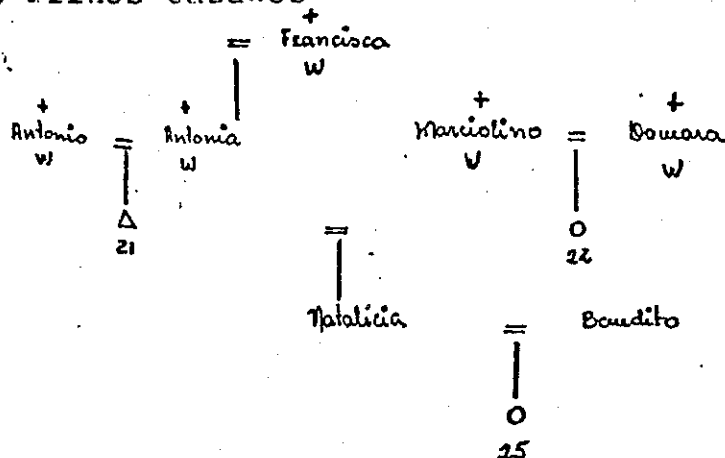
MINISTÉRIO DO INTERIOR

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI = 33 =

25. Maria Lúcia: 11 anos (neta)

Reside em Bombaça:

= 3 filhos casados



Casa 6

26. Joel Antonio Pedro: 28 anos, W

27. Maria Cosma: 25 anos, W (gêmea de 3)

28. Maria Francisca: 10 anos, W

29. Severino: 8 anos, W

30. Ramildo: 7 anos, W

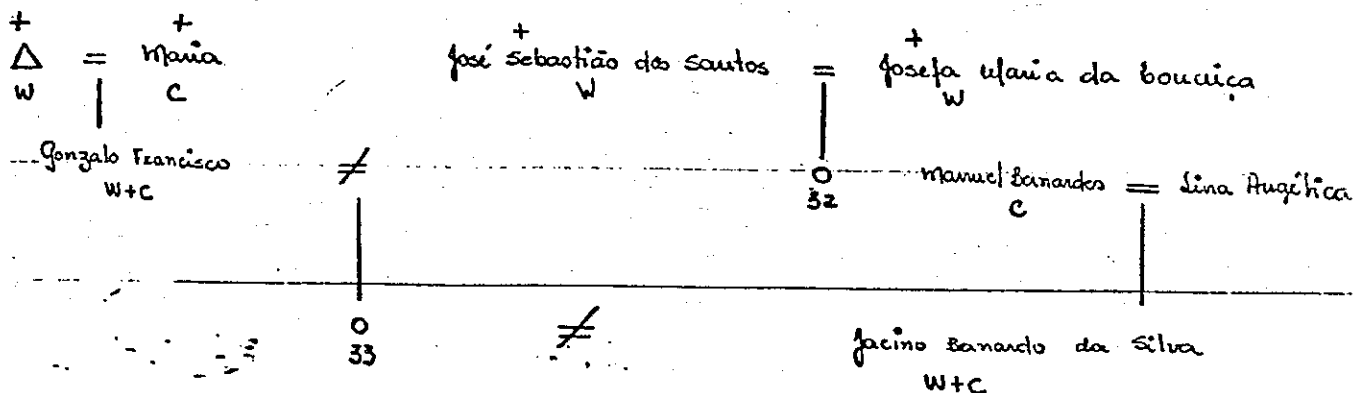
31. José: 2 anos, W



Casa 7

32. Maria Josefa da Silva: 70 anos, W (?) - viúva

33. Maria Aparecida da Silva: 26 anos, W + C (desquitada e sem filhos)



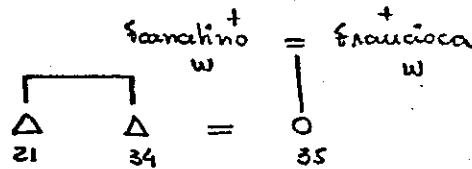
MINISTÉRIO DO INTERIOR

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI = 34 =

Casa 8

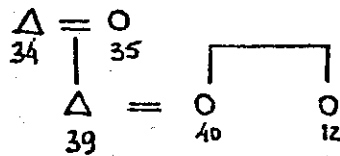
- 34. Florentino Antonio: 67 anos, W
- 35. Maria da Conceição: 51 anos, W
- 36. Josede: 16 anos, W
- 37. Marinita: 18 anos, W
- 38. José: 20 anos, W

- 5 filhos casados estão espalhados pela região



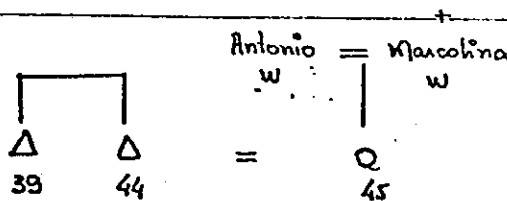
Casa 9

- 39. Eraldo Antonio: 23 anos, W
- 40. Luisa Maria da Conceição: 20 anos, W
- 41. Marinalda: 6 anos, W
- 42. Marileide: 9 anos, W
- 43. José: 6m, W



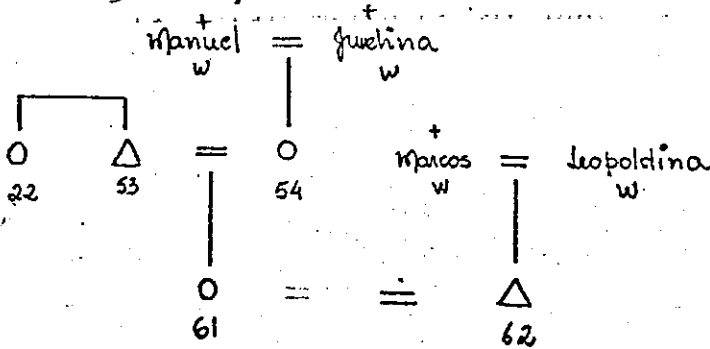
Casa 10

- 44. José Geraldino Antonio: 40 anos, W
- 45. Lorena Marcolina: 39 anos, W
- 46. Deilde: 18 anos, W
- 47. Maria: 13 anos, W
- 48. Silvânia: 7 anos, W
- 49. Ivo: 16 anos, W
- 50. Cilsa: 4 anos, W
- 51. Ivanildo: 3 anos, W
- 52. menina: 3m, W



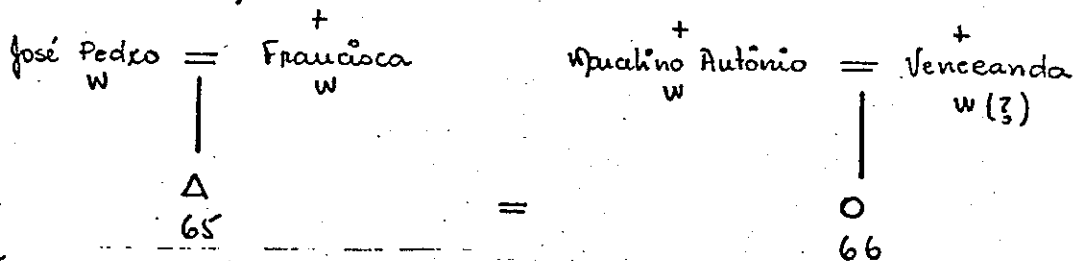
Casa 11

- 53. Natalício Marcelino: 45 anos, W
- 54. Noemia Josefa de Conceição: 40 anos, W
- 55. Erasmo: 22 anos, W
- 56. Janivaldo: 14 anos, W
- 57. Amilson: 15 anos, W
- 58. Nivaldo: 7 anos, W
- 59. Edevaldo: 6 anos, W
- 60. Nivalda: 5 anos, W
- 61. Maria José = 24 anos, W
- 62. José Maria: 30 anos, W
- 63. Joselene: 5 anos, W (filhos de 61 e 62)
- 64. Cícera: 3 anos, W



Casa 12

- 65. João Pedro: 35 anos, W
- 66. Naide Valeranda: 30 anos, W
- 67. Nelci: 19 anos, W
- 68. Cícera: 16 anos, W
- 69. Pedro: 14 anos, W
- 70. Severino: 11 anos, W
- 71. Rita: 7 anos, W
- 72. Cícero: 4 anos, W



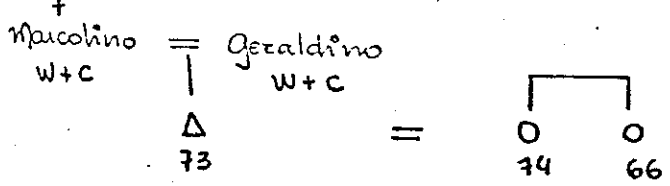
Casa 13

- 73. Luis Marques: 42 anos, W + C

MINISTÉRIO DO INTERIOR

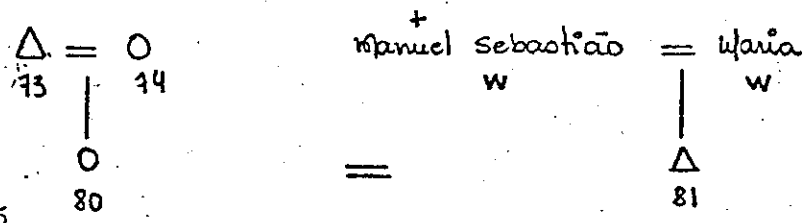
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI = 36 =

- 74. Maria José Marcelino Antonio: 40 anos, W
- 75. Edvaldo: 18 anos, W + C
- 76. João Luis: 17 anos, W + C
- 77. Amilson: 14 anos, W + C
- 78. Maria: 10 anos, W + C
- 79. Verdiano: 6 anos, W + C



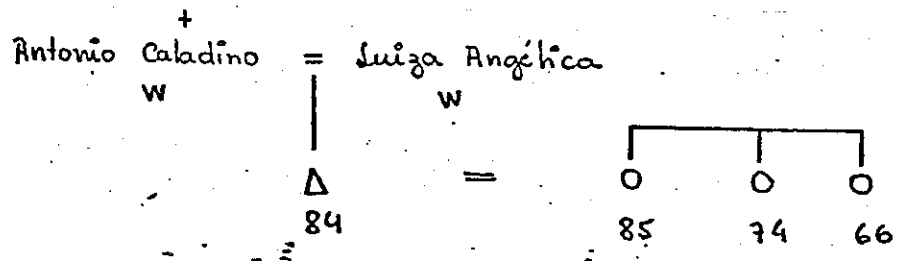
Casa 14

- 80. Valdeci Maria: 21 anos, W + C
- 81. Mario Manoel: 20 anos, W
- 82. Edinalva: 3 anos, W + C
- 83. menino: 2m., W + C



Casa 15

- 84. Cícero Claudino: 36 anos, W (?)
- 85. Isaura Valerana: 35 anos, W
- 86. Manoel: 11 anos, W
- 87. Antonio: 7 anos, W
- 88. Rosa: 9 anos, W
- 89. Roselede: 5 anos, W
- 90. Cícera: 4 anos, W
- 91. Maria: 3m., W
- 92. Creiana: 2 anos, W



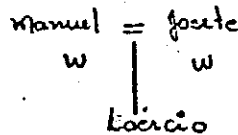
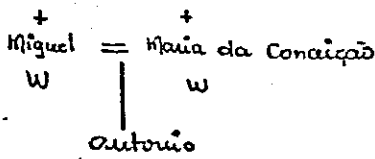
MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI = 37 =

Casa 16

93. Leopoldina da Conceição: 60 anos, W (viúva de Marcos, W)

Residem em Rio Largo:

- Antonio de Lima: 39 anos, W
- Valcrista de Albino: 36 anos, W (?) - irmã de 62
- Zulcide: 16 anos, W
- Gilberto: 14 anos, W
- Guinaura: 12 anos, W
- Aurivaldo: 9 anos, W
- Manoel: 7 anos, W
- Fernando: 5 anos, W
- Cícero: 3 anos, W
- Leticia: 20 anos, W (grávida)
- Laércio: 20 anos, W



Casa 17

94. José Manoel: 38 anos, W

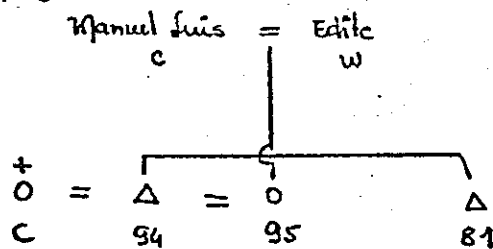
95. Aurelina Judelina: 32 anos, W + C

96. José: 12 anos, W + C (filho de 94)

97. Cícera: 4 anos, W + C (filhos de 94 e 95)

98. Cícero: 2 anos, W + C

99. Beto: 1 ano, W + C



Casa 18.

100. Luis Fulô: 40 anos, W

101. Zefinha: 38 anos, W

MINISTÉRIO DO INTERIOR

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI = 38 =

102. Cícera: 17 anos, W

103. Lucia: 10 anos, W

104. Everaldo: 9 anos, W

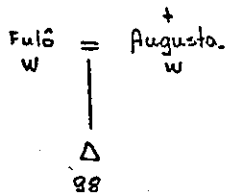
105. menino: 5 anos, W

106. menina: 3 anos, W

Residem em Flexeira:

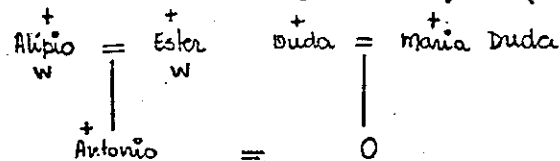
- Pedro João: W (pais de 101)

- Cândida. W



Casa 19

107. Olivina Maria: 50 anos, ? (viúva)



Casa 20

108. Antonio Zumba: 23 anos, W + ?

Residem em Joaquim Gomes:

- Manoem Zumba: W (pais de 108)

- Quitéria

Casa 21

109. Luis Gomes de Freitas: 51 anos, W

110. Antonia Merinda da Conceição: 38 anos, W

111. Edivaldo: 20 anos, W

112. Edivalda: 17 anos, W

113. Edivânia: 15 anos, W

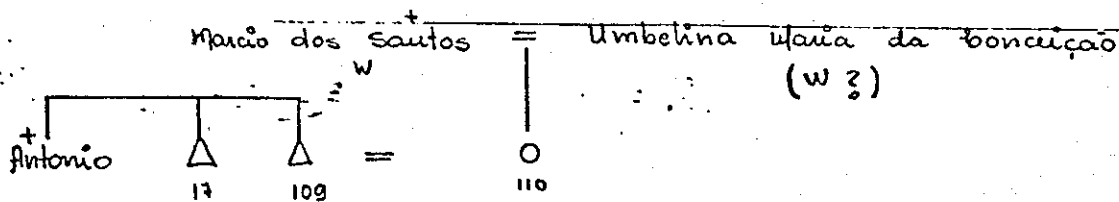
114. Maria José: 10 anos, W

115. Ediane: 9 anos, W

116. Edinaldo: 7 anos, W

117. Eliane: 5 anos, W

118. Edisélia: 3 anos, W

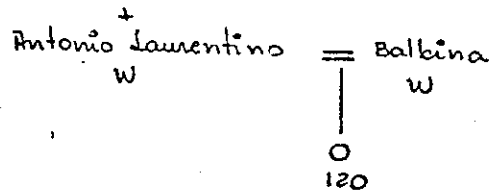


MINISTÉRIO DO INTERIOR

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI = 39 =

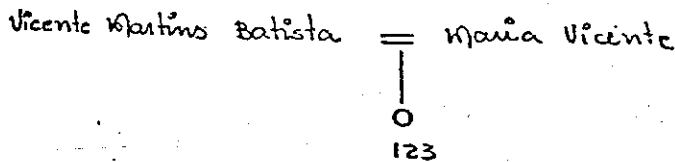
Casa 22

119. José Vicente Martins: 40 anos, W
 120. Ana Balbina da Conceição: 32 anos, W
 121. Leonisa Ana: 15 anos, W



Casa 23

122. Erasmo Antonio Batista: 46 anos, W
 123. Nadir Erasmo: 36 anos, ?
 124. Zuleide: 17 anos
 125. Josias: 16 anos
 126. Zézito: 14 anos
 127. Ailton: 12 anos
 128. Zélito: 10 anos
 129. Severino: 9 anos
 130. Cícera: 7 anos
 131. Joseivã: 5 anos
 132. Jadincide: 4 anos



Casa 24

133. Laurentino Antonio: 55 anos, W
 134. Nelci Gomes: 52 anos, W
 135. Arlindo: 22 anos, W
 136. Ataíde: 18 anos, W
 137. Valdelice: 15 anos, W
 138. José Mata: 30 anos, W
 139. Antonia: 24 anos, W
 140. Maria José: 7 anos, W (filhos de 138 e 139)
 141. Cícero: 5 anos, W
 142. José: 4 anos, W

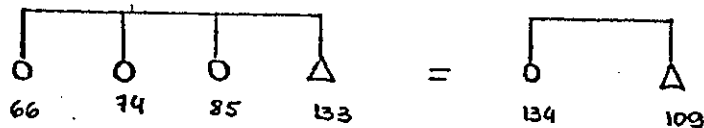
Residem na Fazenda Cocalzinho:

- João Mata: W (pais de 138)

MINISTÉRIO DO INTERIOR

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI = 40 =

- Bastiana Conceição: W
- Cícera: 20 anos, W (irmã de 138)
- Manoel: 25 anos, W (filho de 133 e 134)
- José: 4 anos, W
- Valdir: 3 anos, W
- menina: 1 ano, W

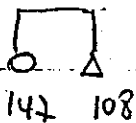


Casa 25

- 143. Manoel Clarindo: 60 anos, ?
 - 144. Maria Luisa: 50 anos, ?
 - 145. Manoel: 8 anos, (filho de criação)
- Residem fora da área:
- 3 filhos solteiros

Casa 26

- 146. Manoel Pedreiro: 32 anos, W
- 147. Anita: 28 anos, W + ?
- 148. menino: 2 anos, W + ?
- 149. menina: 3 anos, W + ?



Casa 27

- 150. Cícero Laurentino: 24 anos, W
- 151. Josefa: 23 anos, W
- 152. menina: 4 anos, W
- 153. Antonio Laurentino: 25 anos, W (irmão de 150)
- 154. esposa: 19 anos, ? (sem filhos)

Casa 28

- 155. Manoel: 54 anos, ?
- 156. Graça da Conceição: 38 anos, ?
- 157. Arnaldo: 17 anos

158. moça: 18 anos

159. Neu: 14 anos

160. mocinha: 12 anos

161. mocinha: 10 anos

Residem em Maceió

- casal com 2 filhos, ela é filha de 155 e 156.

b) Demografia

O censo realizado nos Wasú registrou nos dois núcleos 429 indivíduos. Os caboclos não souberam dizer quantos eram ao todo, mas calcularam que seriam de 500 a 600 pessoas na aldeia e incluindo os ausentes, uns 1.000 índios. Algumas pessoas mencionaram os nomes dos parentes que estão fora da área indígena, sendo computados 88 Wasú. O total global de índios é de 517. Para uma população de 429 Wasú, apenas quatro mulheres são gestantes, isso demonstra que o índice de nascimento no grupo é baixíssimo, apesar de haver muitas crianças.

O pessoal de Pedrinhas informaram que os caboclos do Cocal pertencem a outra "família". Por falta de tempo, não investiguei este dado a fim de verificar se estavam se referindo a metades ou clãs, e também não elaborei o quadro genealógico dos dois núcleos para constatar o parentesco entre si.

O registro de idade das pessoas foi feito na base de sua aparência física, sendo que muitos não se encontravam em casa por ocasião da coleta. Muitas vezes nesta oportunidade, não souberam precisar a idade destas pessoas. A população está distribuída nas seguintes faixas etárias, não sendo incluída as pessoas que se acham fora da área.

0 - 4: 78	25 - 29: 27	50 - 54: 11
5 - 9: 79	30 - 34: 17	55 - 59: 09
10 - 14: 50	35 - 39: 20	60 - 64: 07
15 - 19: 52	40 - 44: 16	65 - 69: 08
20 - 24: 34	45 - 49: 07	70 - 74: 03
		75 - 79: 01

Examinando as faixas etárias do grupo, constata-se que há 157 crianças (0-9) e 223 adultos (10-49) que sustentam economicamente a comunidade, além de 19 velhos (60-79), ficando 19 pessoas numa faixa intermediária (50-59). O número excessivo de crianças está em desproporção ao dos adultos, desequilibrando a estrutura doméstica dos Wasú. Dos 19 índios idosos apenas um deles está aposentado pelo FUNRURAL. Há necessidade que a 3ª DR regularize a situação social destas pessoas, o que muito as auxiliará e melhorarem a alimentação. Há prostituição na área.

A população Wasú está bastante miscigenada com outros grupos indígenas e principalmente com civilizados (brancos e negros). Mesmo assim, ainda houve um foco de resistência durante décadas, a um cruzamento biológico com outras etnias, pois há caboclos "puros", apesar do número registrado não ser real. Os 180 índios Wasú "legítimos", assim identificados por eles, portavam traços fisionômicos nitidamente pouco indígena. Limitei-me a transcrever suas classificações, sem aprofundar-me sobre o tema. O grau de miscigenação dos Wasú está assim estabelecido, não sendo incluído os indivíduos que se acham fora dos núcleos habitacionais.

W: 180	W + C: 164	W + I: 01
C: 33	W + C + X: 09	W + F: 07
X: 01	W + C + I: 01	W + F + C: 03

III - Organização Econômica

a) Agricultura

A vegetação da área é de mata, com relevo montanhoso, mas com serras de pequeno porte. A qualidade do solo é ruim, sendo arenosa no alto dos morros e de massapé na beira do rio. Na época de chuva, a partir de abril, a água apodrece as raízes das plantas cultivadas no topo dos montes, mas algumas têm resistências, como a cana-de-açúcar canca, cará, banana, milho e feijão de corda. O Cocal é cortado pelo Rio Grande ou Camaragibe, o Riacho e a Vertente Pequena, Pedrinhas apenas é drenada pelo Rio Lajeiro.

Cada casa tem seu sítio particular (alguns metros de terreno), mas não há uma divisão formal entre eles. As roças individuais são cuidadas pelas famílias. Cultivam no mesmo lugar durante 2-3anos, porque a área é pouca para todos e muitas famílias não têm roça por ser a terra fraca. Outras plantam na fazenda Torre, em troca de sua mão-de-obra na colheita da cana.

Mencionaram apenas uma cultura plantada com sorciada com outra: milho com feijão de corda (menos de uma tarefa). Plantam: caíá; batata-doce; macaxeira rosa e do pará, e mandioca mansa; cana caiana e três xis (chamada "lavoura branca"); feijão mulatinho (Cr\$ 35-40,00 o litro). Gerimum não dá, e a lanja comum e cravo (Cr\$ 25,00 o pé) não produzem bem, devida as pestes.

Plantam nos quintais das casas: banana pão e prata, falta adubo para melhorar a plantação. A banana se desenvolve bem na região, sendo que os caboclos vendem nas proximidades da área, para ser revendida em Maceió. Com alguma orientação técnica a banana pode ser fonte de divisas para os Wasú. Cultivam a manga coco e manguita (produzem bem); jaca (se desenvolve bem, Cr\$ 4,00 a fruta); caju e café. O coco tem poucos pés, apesar de se adaptar bem, pois custa Cr\$ 50,00 a muda. Muitas destas fruteiras estão espalhadas pelo mato. As frutas são vendidas nas cidades vizinhas ou para os revendedores. Normalmente são para o consumo interno. O caboclo Paulo iniciou uma sementeira de araruta no quintal, está produzindo regularmente.

A extensão das roças variam de meia a cinco tarefas. A grande maioria dos caboclos trabalham nos canaviais de particulares. Recebem Cr\$ 35,00 por dia, trabalhando das 7 às 16:30 horas. Trabalham também com o sistema de conta: 100 braças (10 braças quadradas - 1 braça: 2m). A conta no canavial tem as seguintes fases: limpar, arrancar tocos e bater touceiras de cana. Por uma conta pagam 70,00 cruzeiros.

Para trabalharem na agricultura utilizam a enxada (Cr\$ 60,00), a foice (Cr\$ 50,00 - cortam cana no morro, com foice, nos tabuleiros usam o trator), a estrovenga para roçar o mato (Cr\$ 50,00), o enxadeco (Cr\$ 60,00) e a roçadeira (Cr\$ 70,00). Para desenvolverem uma boa roça, precisam de arado, (por

ser a terra acidentada, em poucos lugares podem usar o arado), trator, adubo (no milho batité, inhame e cana), defensivos e junta de bois, além de recuperarem suas antigas terras, pois onde habitam atualmente não há área agricultável, somente na beira do rio (420m?).

As poucas sementes existentes são compradas em Joaquim Gomes e Novo Lino, assim como os implementos agrícolas. Os produtos colhidos são armazenados dentro de casa. Raramente vendem a farinha por Cr\$ 50,00 a cuia de 10 litros. Quando há excedente agrícola é vendido nas cidades vizinhas. O produto é transportado em carro ou em lombo de animais.

A situação econômica dos Wasú é péssima, muitos deles passam fome, porque nem sempre as fazendas absorvem a mão-de-obra disponível na região. Necessitam de um financiamento da FUNAI para prosperarem neste setor. Não recebem financiamento de nenhum Banco, porque não possuem a escritura da terra. Alguém prontificou-se em medir a área, para providenciarem nova documentação e obterem financiamento nos Bancos. Não concordaram com a medição com medo de perderem a terra. Jovens da MEBE, movimento liderado pelo Bispado de Maceió, os visitam quinzenalmente, aos domingos, para promoverem reuniões com os jovens caboclos. Prometeram conseguir dinheiro para aplicarem na agricultura.

Quando a fome é demasiada, comem jaca verde misturada com outro alimento. Também comem orelha de pau, calango, rato e cocão. A base alimentar do grupo é farinha, cará, macaxeira, banana verde cozida, sardinha (Cr\$ 45 o quilo - quando cozida exala um cheiro fortíssimo) com cuscus e batata-doce (quando na época). Em 1976 o Governo mandou um auxílio de alimento, ferramenta e roupa para a região (enchente?), mas os fazendeiros e comerciantes se apossaram deles e os venderam. Os caboclos não receberam nada. Em julho de 1978 houve uma grande enchente e as famílias que residiam na baixada, mudaram-se para o tabuleiro (alto), nas casas de parentes. Nesta ocasião não receberam donativos do Governo. Para cozinhar os alimentos, coletam lenha há uma légua de distância das casas.

Uma fonte de renda dos caboclos é a exploração da venda de areia retirada das margens do Rio Grande. Esta atividade é exercida pelas mulheres e crianças (entre 11 a 14 anos inicia-se no corte de cana), quando não vão trabalhar nos canais dos fazendeiros. Uma carga de areia num caminhão caçamba custa Cr\$ 120,00, sendo que Cr\$ 20,00 é pago ao pseudo-proprietário da Fazenda, pois esta se encontra dentro da Aldeia Cocal. Quando a areia está solta enchem dois caminhões por dia, caso contrário, apenas um. A FUNAI deveria incrementar a exploração desta matéria-prima, como uma fonte de verba secundária, já que o plantio de cana-de-açúcar é que deverá ser a geradora de recursos para o grupo.

O bambu é utilizado para fazerem jangadas e as touceiras desta, servem para marcar os limites dos sítios individuais.

b) Atividades Criatórias

A qualidade do solo não é ideal para a criação de animais, pois estes não resistem ao inverno. Somente o porco dá bem nesta área, mesmo assim, nem todas as famílias possuem suínos, que é amarrado pelo pé. Dependendo o tamanho deste, um porco é vendido entre Cr\$ 300-1.000,00.

Não têm pastos naturais ou campo, só sapé. Há duas ovelhas que estão presas com corda. Não vi nenhuma cabra, mas uma custa de Cr\$ 300-500,00, dependendo do tamanho. Algumas pessoas criam aves. A galinha custa de Cr\$ 60 a 70,00; o peru Cr\$ 300,00; o pato Cr\$ 150,00; a dúzia de ovos Cr\$ 24,00. O dinheiro apurado nas vendas dos animais domésticos são de propriedade particular.

c) Silvicultura

Dentro da área das quatro léguas ainda existem mata e madeira de lei: pau d'arco, sucupira, pau-ferro, sapu carana, bulandi, quanduru, amesca, araçá, manajuba, amarelo e cãõ. A madeira de lei utilizada na construção das casas é trazida da Usina e da Fazenda Torre. Quando está em falta, usam a madeira

branca que tem durabilidade de um ano. Serve também para queimar. As madeiras brancas existentes são: embaúba, praíba, copiúba, mané velho, sabaquim, murici, embiriba, embira vermelha e lacre.

d) Pesca

Os índios se rotulam como maus pescadores. Os pescadores de fora trazem viveiros para o rio e o peixe é vendido na feira. Há uma cachoeira grande dentro do Cocal. No inverno é época em que os peixes se desenvolvem e no verão (setembro a março) é o período em que há mais peixes.

As espécies existentes na área são: piaba, jacundá, aratani, pitu, camarão, carito, traíra, jundiá, sarapó, muçum, acarí, camurim, cabojo e sabararú. Os materiais utilizados são: anzol, rede, balaio, puçá (gereré), tetéia (armadilha de pitu), tarrafa e covo (este usado no tempo em que o rio está cheio). Os peixes são para o uso interno e raras vezes vendem a Cr\$ 30-40,00 o quilo. Os fazendeiros não permitem que os caboclos pesquem no rio que cruza por suas propriedades.

e) Caça

Na área ainda há alguns tipos de caça como: tatu china, tatu peba, tatu rabo de couro (são caçados a noite, se venderem é por Cr\$ 200,00), tejo (lagartão), tamanduá, paca (nas matas), veado, porco-do-mato, gato-maracajá (no-mato), raposa de cachorro (alguns comem, mas a carne é fedorenta), gila, raposa de gato, preá, paca, preguiça, coelho, caitetu, quantu, cobra, cassaco (a pele é catíngosa) e punaré (parecido com rato grande, é do mato).

Numa caçada reúnem-se de 2 a 5 caçadores. Às vezes as mulheres acompanham, para caçarem com armadilha de buraco, juriti, cambonge, nambu e andorinha. Também caçam pássaros com espingardas. A caça é dividida entre os caçadores e esta entre os familiares. Quando vendem a estranhos é por Cr\$ 30,00 o quilo.

Não comercializam peles de caça, mas caçadores civilizados entram na área com esta intenção.

f) Indústria Oleira

Em Pedrinhas há argila para confecção de telha e tijolo. Em Cocal há duas olarias, mas apenas uma está funcionando, porque está arrendada a não-índio, por Cr\$ 2-3.000,00 ao mês. Alguns caboclos sabem fazer tijolo, mas necessitam de financiamento para reativarem a olaria que está paralizada há três anos.

O dono da olaria dá o preço do arrendamento e cabe ao locador estabelecer o preço das peças de cerâmica. Cobra Cr\$ 2.000,00 o milheiro de telha e Cr\$ 800,00 o milheiro de tijolo. No verão é a época que os comerciantes mais adquirem o material; no inverno, não há meio de transportarem a lenha para a queima das cerâmicas. Compram a lenha a Cr\$ 40-80,00 o metro. Precisam de 10-11 metros de lenha para queimar uma formada de 4-5 mil telhas.

A exploração econômica da olaria deveria ser incrementada pelo Órgão para aquelas pessoas que se interessam nesta atividade. A área dos Wasú deverá ser objeto de um Projeto de DC integrado, que abranja desde a implantação da infraestrutura até o financiamento das várias atividades econômicas.

g) Artesanato

Não confeccionam nenhuma peça artesanal. Os potes para guardar água são comprados em Joaquim Gomes. Antigamente usavam cuia de cabaça decorada. Atualmente alguns utilizam uma cabaça para pescar.

IV - Organização Política

Mencionaram a existência de dois capitães, que possuíam antigamente, o Salazar e o João Tomai da Silva. Atualmente não há Chefe, mas acho que o caboclo Paulo tem uma grande influência sobre seus companheiros, devido ao seu espírito de liderança e sua personalidade marcante.

V - Organização Religiosa

Os Wasú se consideram católicos, tendo mais ou menos dez famílias crentes. Os padres da região não visitam a área, apenas em Pedrinhas a Capela foi benzida. Esta é pequena, pintada de azul, com alguns desenhos em branco na fachada. A Capela se encontra num agrupamento mais concentrado de casas, em Pedrinhas. Os caboclos do Cocal pediram aos jovens da MEBE para os padres virem rezar Missa na área.

Rezam as novenas de Santa Luzia (em novembro), São João (junho), Nossa Senhora da Conceição e Nossa Senhora do Bom Parto. Nas novenas tocam zabumba (tambor com couro de bode ou carneiro). Também costumam frequentar as festas religiosas nas cidades próximas.

Dançam o Samba de Coco que é uma dança muito antiga. Com pífaro tocam velhas músicas. A Ciranda Ganzá era tocada com cabaça, agora não dançam mais. Primeiramente dançavam o Reisado (Guerreiro), mas por falta de moças, desistiram, pois os casados não gostam que suas esposas participem dela.

Das festas tradicionais praticamente não se lembram de nada. Contaram que os antigos praticavam o rito do Ouricuri e do Toré, ingerindo jurema (bebida alucinógena). O índio Paulo citou uma frase do canto do Toré: mamãe Tedale Toré em alto, embaixo, pisada, alhamba (fruta). Não soube explicar o seu significado.

Contam que seus antepassados realizavam o rito de endocanibalismo, isso antes da passagem de D. Pedro II na área. O corpo do morto era cuidado para não apodrecer, antes de ser cozido em panelas de cerâmica. Este era misturado com o fubá de milho e todos comiam o mingau. Era dançado o Toré. O tutano dos ossos era chupado. Os caboclos comentaram esta atitude, de uma maneira racional: "comiam a carne do defunto porque era melhor que a outra".

Narraram também que os antigos temiam o trovão. Em sinal de respeito, quando trovejava, as pessoas se ajoelhavam e erguiam os braços ao alto, invocando proteção.

Em Cocal há um benzedor, que ganha agrado dos seus adeptos. Uma mulher lhe deu um pouco de farinha, na qual acrescentou pimenta e sal, comendo-a. Era bastante jovem e extrovertido para o cargo que ocupava.

VI - Situação Educacional

O Prefeito de Joaquim Gomes apesar dos entraves firmados pelos fazendeiros da região, construiu uma escola-residência de alvenaria, em Cocal. O Grupo Escolar João Tomai Marques Flores (o nome foi colocado em homenagem a um caboclo) deveria ser inaugurado em 01/6/79, mas não foi possível, porque as três professoras que seriam contratadas, não estavam devidamente preparadas. Não possuem o Curso Normal.

Há duas salas de aula no Grupo e área coberta para recreação. O prédio não possui água e luz, mas tem todas as instalações. Nas casas dos índios também não há estas melhorias, sendo que nas Fazendas próximas existe iluminação. O Grupo Escolar não tem fogão a gás, a professora prepara seus alimentos embaixo de um tapiri.

O Grupo Escolar tem dois armários. Está em falta: caderno, lápis, borracha, cartilhas do pré-primário e livros do 1º ao 4º ano, de todas as matérias. Nunca receberam merenda escolar, mas o Prefeito tentará conseguí-la para o novo prédio.

Das professoras que virão para o Grupo, duas são caboclas e uma é civilizada. O grau de escolaridade é o 4º ano primário. A atual professora é cabocla, Maria Bezerra da Silva, que tem o 4º ano, recebendo da Prefeitura de Joaquim Gomes, Cr\$ 1.200,00, sem o 13º salário. Leciona desde 1967 e faz a limpeza do Grupo, em troca de agrado.

A professora Maria Bezerra leciona das 13 às 18 horas, alunos em diferentes níveis de aprendizagem. Foram matriculados 93 alunos, mas apenas 40 frequentaram a aula. Há 20 alunos no pré-primário; 12 no 1º ano, 3 no 2º ano e 4 alunos na 4ª série. Há 180 alunos novos para frequentarem o Grupo Escolar depois de inaugurado, tendo 13 crianças civilizadas.

MINISTÉRIO DO INTERIOR

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI = 50 =

A frequência dos alunos é regular, irá melhorar quando o turno da tarde funcionar, dando opção para escolherem o melhor período de trabalho. Não há evasão escolar.

Em Pedrinhas há muitas crianças em idade escolar que não frequentam a Escola, porque os pais estão desiludidos com o ensino, pois os filhos já estiveram na Escola e não aprenderam nada. A professora de Cocal teve dificuldades de fazer o curso escolar porque os índios eram "fechados".

O programa de ensino é enviado de Joaquim Gomes pela orientadora. O calendário escolar é o seguinte:

- época de chuva: abril (inverno)
- época de plantio: junho
- época de colheita: setembro
- início do ano letivo: fevereiro
- término do ano letivo: dezembro
- período de férias: dezembro-janeiro e julho

A cabocla Maria Bezerra também é professora do MOBRRAL, desde 1971, percebendo Cr\$ 300,00 mensais. Elizete Maria Paulina é professora do MOBRRAL desde 1977, com escolaridade de 4º ano. As aulas são das 17 às 21 horas. Parece que em 1980 não haverá mais curso do MOBRRAL.

O pessoal de Pedrinhas acha que as crianças caminham muito para irem a Escola. Há necessidade de uma escola noturna, com duas professoras. Indicaram duas moças para serem professoras: Zuleide Maria Conceição - 3º ano de escolaridade; Nivalda Antonia da Conceição - 2º ano.

Os jovens da MEBE disseram que iriam fazer um Ginásio no sítio de um caboclo e que treinariam as professoras locais. Acho impossível que este Ginásio seja para os índios, pois quase todos são analfabetos ou não têm o Primário completo.

As atividades recreativas dos Wasú são o jogo de sinuca nos fins de semana e os bailecos nas residências, com zabumba.

Solicitaram que a FUNAI enviasse uma professora de corte e costura. Desejam também possuírem documentos de

identidade e que tivessem oportunidade de servirem no Exército. Não necessitam destes documentos para trabalharem nos canaviais, mas estes os identificam e os igualam diante dos civilizados. Por ter documentos é possuir status, é ser um branco sem estíguas.

VII - Situação de Saúde

Nos núcleos de Pedrinhas e de Cocal não há nenhuma infra-estrutura de saúde, necessitando de toda a assistência da FUNAI. Recebem auxílio médico de Joaquim Gomes e Novo Lima, mas mesmo assim, o estado de saúde e de nutrição dos Wasú é ruim.

A Prefeitura de Joaquim Gomes pretende edificar um mini-posto de saúde em Cocal, treinando duas moças para atendê-lo. De oito em oito dias a equipe médica, com um dentista (que é vereador da cidade de Joaquim Gomes), dará assistência ao posto. A área indígena é o local mais pobre do município, segundo o Prefeito. Este visitou o Cocal em companhia de um técnico de saúde e educação. Disse que escreveria à FUNAI sobre a situação dos caboclos. Esta visita ocorreu oito dias antes ^{de} minha chegada. Estavam acompanhados do Nozinho(?), que luta pela recuperação da terra dos caboclos, junto aos estudantes do MEBE.

Os caboclos de Pedrinhas, acham que não há necessidade de uma enfermaria-residência no lugar, se for construída uma em Cocal, porque os dois núcleos estão próximos. Como a experiência já tem demonstrado, que tanto o atendente de enfermagem como os próprios índios doentes, dificilmente se deslocam para serem examinados ou buscarem medicamentos, tem que ser edificada também uma enfermaria em Pedrinhas. Além disso, o número de índios aí existentes comporta esta assistência local.

As doenças que mais incidem na área são: gripe, desintéria, verminose (muita) e coceira pelo corpo, que produz feridas. Praticamente ninguém está imunizado através de vacinas. A Fundação SESP e a SUCAM, prestam serviços de saúde. Em 1978 a SUCAM fez exame de fezes e enviou a medicação.

A água é coletada em potes no rio ou no córrego, que ficam relativamente perto das casas. A água é poluída e bebida ao natural. O lixo não é tratado e os dejetos ficam ao ar livre.

VIII - Sugestão

A ação da FUNAI deve ser imediata e decisiva em Cocal e em Pedrinhas. A situação geral destes índios é péssima, necessitando inclusive proteção física para muito deles, ameaçados de morte pelos latifundiários da região, pois estes são um impedimento ao seu enriquecimento mais rápido. A política a ser adotada pelo Órgão nos Wasú, não deve ser a mesma que está em uso para os demais indígenas do Nordeste. Esta inibe e bitola as comunidades em um sistema de super-dependência, fazendo dos caboclos meros executores de ordens, onde as individualidades são sufocadas em nome de uma administração excessivamente paternalista.

O Projeto de DC que deverá ser implantado nos Wasú, terá um caráter diferente dos habituais feito pela ASPLAN, pois os caboclos estão acostumados a um outro ritmo de trabalho, que deverá ser preservado. A essência do Projeto deve ser de auto-financiamento, de auto-promoção do grupo e do desenvolvimento das potencialidades materiais e humanas existentes na área.

Sendo a fricção interétnica demasiada virulenta, os Wasú concordaram que fosse enviado um Chefe de Posto experimental, que ficaria sediado em Cocal, dando assistência à Pedrinhas. Para isso, precisa de uma viatura Rural com tração nas quatro rodas. Em Pedrinhas deverá ser construída uma escola e uma enfermaria (sem leitos) com remédios específicos para a região e com seus respectivos especialistas. Em Cocal será edificada uma casa-sede e uma enfermaria-residência, se a Prefeitura não se decidir a fazê-la. Há possibilidade de ter alguns Wasú interessados em fazerem Curso de atendente de enfermagem.

Não sendo localizada a literatura sobre o grupo indígena e os dados existentes são insuficientes para dar

MINISTÉRIO DO INTERIOR

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI = 53 =

prosseguimento nas reformulações dos futuros Projetos de DC, uma pesquisa etnológica deverá ser efetuada nos Wasú, a fim de termos conhecimento sobre a cultura dos mesmos.

Brasília, 4 de dezembro de 1.979.

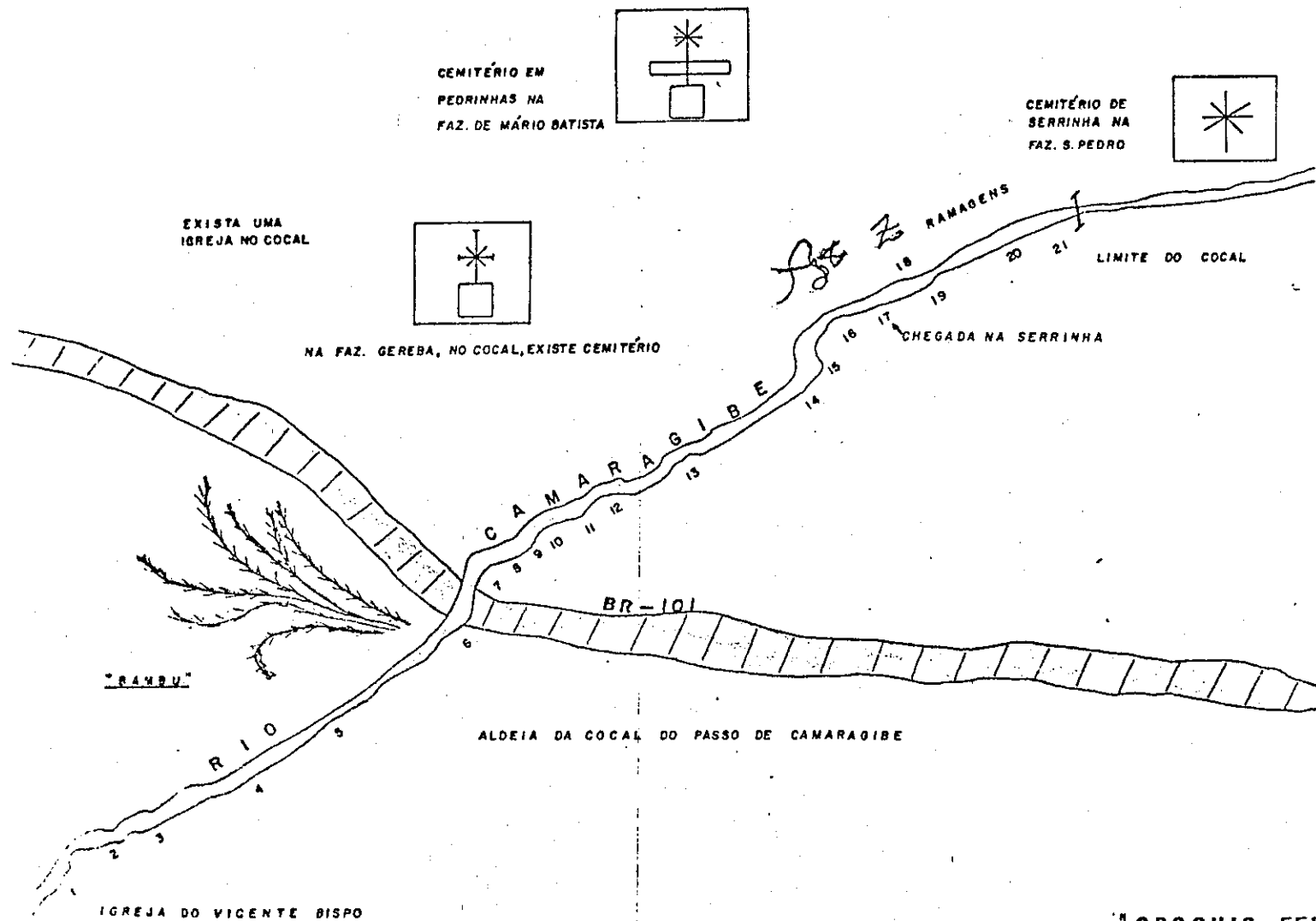
De. M. Melatti.
DELVAIR MONTAGNER MELATTI
Antropóloga

DGPC/DMM/racd.



BAHIA

Anexo nº 1



"CROQUIS FEITO PELO CABOCLLO PAULO"

CROQUIS DA ÁREA PLEITEADA

